



Universidade da Amazônia

A Bela Madame Vargas

de João do Rio

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



A Bela Madame Vargas

de João do Rio

PRIMEIRO ATO

O esplêndido terraço da vila de Mme. Vargas. Á direita, avançando sobre o terraço entre grinaldas de rosas e trepadeiras floridas, a fachada da linda casa, com varanda e escadaria. Para essa varanda dão a larga janela e a porta do salão de música. No fundo balaustrada de mármore. Do terraço domina-se um maravilhoso panorama de florestas, deslizando para a baía em baixo, ao fundo. Em baixo os jardins do palacete.

Entretanto, são cinco horas de um dia de inverno e há nesse terraço um chá ao ar livre. As pequenas mesas já estão dispostas, com gosto e com muitas flores. Os criados dão os últimos cuidados a organização geral. Ouve-se no salão de música risos, e pedaços de uma cançoneta parisiense. Quando abre o pano estão em cena de casaca, a arrumar as mesas **Antônio** e **Braz**.

Antônio — A idéia de tomarem chá no terraço c'est très bien.

Braz — Pois sim. Desde que te dêem ares e haja palavras estrangeiras, ficas satisfeito. Eu é que não. Estou aqui, estou a deixar isto. Olha que é trabalho. Chá no salão, chá nos quartos, chá no terraço, chá em toda a parte, chá a toda hora...

Antônio — É a civilização, rapaz...

Braz — Mas de dinheiro, nem cheta. Preferia menos chá e mais massa. Tu a olhar-me com esses modos superiores. Não sou eu só. Na copa todos se queixam.

Antônio — Mas ficam?

Braz — A ver se recebem...

Antônio — C'est très bien. As casas assim, ainda não são as melhores. De repente vem o dinheiro. Olha, eu enquanto houver tapetes, música, chá, comedorias — vou esperando. Ça me vá. Nasci para o luxo.

Braz — Palerma!

Neste momento aparece no alto da escada, vindo do salão de música, **D. Maria Mirafior**.

D. Maria — Então, meus rapazes. Tudo bem?

Antônio — Como V. Exa. vê muito bem. O homem das flores é que não as queria deixar.

D. Maria — Muda aquela mesa para o canto. Mas deixou?

Antônio — Assim? Deixou. Prometi ir logo lá.

D. Maria — Braz arranja o samovar.

Braz — Que samovar?

D. Maria — O aparelho de chá. Digo-lhe todos os dias a mesma coisa. Ainda não sabe?

Braz — E eu também, senhora D. Maria, digo-lhe todos os dias o mesmo sem ser atendido.

D. Maria — Braz, que é isso? Comigo? Vá, olhe que sou eu...

Braz parece resignar-se.

De resto, chega nervoso e alacre **Carlos Vilar**.

Carlos — Boa tarde.

D. Maria — Oh! Carlos...

Carlos — Muito ocupada?

D. Maria — Dando os últimos toques ao chá.

Carlos — Sala cheia, não?

D. Maria — Os de costume.

Carlos — Parece estar contrariada.

D. Maria — Quem sabe?

Carlos — Comigo?

D. Maria — Ainda ontem no Lírico você parecia um detetive americano, sempre de binóculo a varejar o nosso camarote. Por que faz isso?

Carlos — Não tinha razão?

D. Maria — Não tinha o direito. São coisas tão diferentes a razão e o direito, que o direito foi feito para dar razão a quem não a tem. Você não só tem direito, como não tem razão, nem juízo.

Carlos — Má.

D. Maria — Conheço-o muito bem.

Carlos — Oh! D. Maria, seja minha amiga. Sinto qualquer coisa que parece me anunciar uma grande transformação das coisas.

D. Maria — E o mundo que vai acabar.

Carlos (pensativo) — Quem sabe?

D. Maria — Apenas comigo esses ares são menos úteis. Seria muito melhor que não tivesse o desejo de prejudicar os outros.

Carlos — Está insuportável!

D. Maria — E você então!

Os risos no jardim interrompem o diálogo. Entram **Julieta Gomes**, **Carlota Pais**, **Gastão Buarque**, *en coup de vent*.

D. Maria — Sejam bem-vindos os retardatários!

Julieta — Já acabou o chá?

Carlota Pais — *Good evening!* Não há mais ninguém?

D. Maria — Como vocês vêm!

Julieta — Oh! Uma corrida louca pela montanha. O automóvel do Gastão é tão doido como o dono!

Gastão — Fala de prazer.

Carlota — Devo estar descabelada, pois não?

Carlos — Está ainda mais bonita!

Carlota — Obrigada. Sempre amável.

D. Maria — Todos no salão de música, jogando o puzzle.

Carlota — Vamos ver isso. (Sobe a escada e sai)

D. Maria — E há também a Baby ensaiando o *Elle était souriante*.

Carlos — Entremos. A Baby ensaiando! Deve estar aflita para que a interrompam.

O grupo sai subindo a escada. Há risos. Depois palmas. A cançoneta continua dentro. E no terraço um momento deserto aparecem o **Barão André de Belfort**, **José Ferreira**.

Belfort — Chegamos no melhor momento, meu caro José. As mesas de bridge, já devem estar organizadas e não falta ninguém. Nas recepções cariocas só é prudente entrar quando a dona da casa já não precisa de parceiros para o bridge, nem de figuras para os flertes.

José — Oh! Barão, recepções! Que grande palavra para um chá simples, na mais simples intimidade;

Belfort — Mas onde viu você uma festa no Rio que não fosse íntima? Como somos sempre os mesmos, ainda não fomos apresentados e já nos conhecemos intimamente. Mesmo um grande baile é uma festa íntima.

José — Maldizente!

Belfort — De resto, vamos assim muito bem. A única intimidade possível hoje em dia é fingir que sabemos da vida alheia. Com os amigos escapamos de logros e com os indiferentes nada há que melhor nos coloque. A maioria das pessoas a quem cumprimento não me foi apresentada. Acontece a muitos o mesmo. E é esplêndido. Um homem que trata toda a gente de você e pergunta pela família dos desconhecidos é um tremendo valor. Por isso nós nos tratamos todos por você.

José — É o que se chama exagerar.

Belfort — O exagero é a personalidade da observação.

José — Quando a observação é a de um espírito tão superior...

Belfort — Jovem lisonjeiro!

José — Se entrássemos?

Belfort (sentando-se) — um minuto ainda. Mas que orgia floral, que encanto! Estamos de fato muito bem. Decididamente Hortência tem gosto.

José — Perdão...

Belfort — Hortência ou a tia.

José (acentuando) — Mme. Vargas tem de fato muito chic.

Belfort (encara-o um segundo) — Quê? Então é verdade? O meu jovem amigo está apaixonado?

José — Oh! Barão! Também?

Belfort — Perdão. Não quero com isso ofender ninguém. Mas conheço Hortência há largos anos e vejo-a sempre vítima de paixões. (Gesto de José) Vítima é o termo, porque as recebeu sempre com a mais glacial indiferença.

José (alegre) — Com efeito?

Belfort — Talvez por isso seja levado a estimá-la mais, como quem a defende. Não tem culpa a probezinha de causar paixões. Mas quanto mais gélida se faz, mais amores. Provoca Amores? Não são amores, são loucuras. Já lhe contaram que antes de casar com o Vargas, Hortência foi a causa de duas mortes?

José — Duas?

Belfort — A do estudante Theotônio Rodrigues, que se precipitou de um pedreira, e a do velho conselheiro Gomide, que tomou lisol.

José — Mas o conselheiro não morreu.

Belfort — Acha você que um conselheiro, mesmo não morrendo, possa sobreviver a um suicídio por lisol? O enterro é no caso um epílogo sem importância — como aliás todos os enterros.

José (rindo) — Pelo menos para os que são enterrados.

Belfort (continuando, tom de narrativa) — A terceira morte de Hortência foi causa involuntária...

José — Quê? Mais uma?

Belfort — Aquela da qual ninguém fala. o casamento.

José — O barão está sempre a brincar.

Belfort — O fato é que Hortência nunca amou o marido. Creio que o pobre Vargas partiu para o outro mundo, descorçoado de realizar o impossível. Era o bastante? Parece que não. A epidemia sentimental continua. Teremos mais algum desastre.

José — E Hortência a dizer-me que o senhor é o seu melhor amigo!

Belfort — Hortência é inteligente, percebe que, sendo eu o único a não lhe fazer declarações, devo ser o mais amigo.

José — Oh! Barão!

Belfort — Claro. Já viu você desastre maior do que uma pessoa que tem amor por outra? Quando não é a desgraça de ambos, é pelo menos o desastre de um.

José — Do que ama ou do que é amado?

Belfort — Do que tiver menos sorte. Hortência, por exemplo, é sempre obrigada ao papel de Vênus destruidora, numa época que é a negação da mitologia.

José (grave) — Como o barão labora em erro. Hortência é Tão boa?

Belfort — Não digo ao contrário.

José — Deve saber melhor do que eu, que se ela casou, casou por conveniência de família e soube apesar disso honrar o nome de seu marido. (Pausa)

Belfort — Como o sinto diferente, José, desta sociedade!

José — Ela então é muito má, para que me admire tanto?

Belfort — Não. Todas as sociedades são mais ou menos assim. A única sociedade sem perigo seria a da própria pessoa, se não acabasse por aborrecer, o que leva às vezes ao suicídio. Acho-o diverso, entretanto, porque se abstém das intrigas, das calúnias, do debinage — por esta larga força de afirmar...

José — Cheguei há quatro meses apenas. Ainda não tive tempo de ser mau.

Belfort — Porque não chegou todo ele senão para ver Hortência.

José — Como não a compreendem! Hortência é um coração puro, meigo, capaz de amar.

Belfort — Muito bem!

José — Falo sério.

Belfort — Eu também. Quando me falam com tamanha solenidade, tenho a impressão de que me vou aborrecer. Então digo muito bem. Digo muito bem, para refletir no que as palavras escondem. Ora, neste momento sou capaz de jurar que já declarou a sua paixão e que ela foi bem recebida.

José — De fato.

Belfort (retraindo-se) — Ah!

José — Parece-lhe extraordinário?

Belfort — Só as coisas sem importância são extraordinárias.

José — Não sou como os outros, barão. Há muito tempo guardava em segredo o meu amor. Só depois de pensar muito, declarei-me. E quando pedi a mão de Hortência, ela estava comovida; o seu olhar foi tão profundo, que nunca mais esquecerei esse instante imenso.

Belfort — Pobre Hortência!

José — Não acha que se enganava?

Belfort — O amor vem quando menos o esperamos. Para quando o casamento?

José — Espero hoje falar a minha mãe. Sou maior, formado como toda a gente, possuidor de uma fortuna não pequena. O casamento será logo que queira Hortência. Procurarei ser apaixonado, mas amigo.

Belfort — Será espantoso se realizar essas duas coisas contraditórias — ao mesmo tempo.

José — Mas barão, peço-lhe o maior sigilo. Uma frase comprometer-me-ia. Hortência fez-me jurar segredo. Quer partir. Quer casar fora daqui. Também tem medo da sociedade em que vive. É de um nervoso. Tem sofrido tanto!

Belfort — Acho que faz bem.

José — Em esconder um ato honesto?

Belfort — É que ela o julga por demais grave. Que vê o José aqui, em redor do seu amor? Senhoras, meninas, rapazes, a rir e a fletar. Parecem-lhe inofensivos? São perigosíssimos, feitos de desrespeito, de invejas, de egoísmos. É uma sociedade que se forma de aluvião em torno do dinheiro, — que a maioria tem por hipótese. Há gente rica hoje e amanhã sem real continuando a viver como quem tem dinheiro; há damas que caçam o amante como quem caça borboletas e meninas que caçam maridos como quem caça a raposa. Os rapazes, alguns parecem milionários, numa idade em que poderiam jogar a pelota, e outros não tem profissão no momento em que e preciso trabalhar.

José — E de que vivem?

Belfort — Os que parecem ricos?

José — Os outros.

Belfort — Do crédito dos que parecem ricos, do nome das famílias, da complacência geral. São esses rapazes encantadores, bem lavados, bem vestidos, bem perfumados, que não renunciam a nenhum prazer devem a todos, e cometeriam crimes para beber champanha nos clubes, fletar, ter amantes, gozar — se não tivessem medo ao código. Toda essa gente acumula despeitos contra os que encontram a felicidade. Hortência defende-se do ataque há muito tempo, a espera do Lohengrin. Tape os ouvidos e fuja.

José — O senhor é fulminante.

Belfort — Digo apenas o que todos sabem. Sou banal; (mudando de tom) — Mas estas flores: As flores anunciam sempre o desejo que tem a gente de ser ou parecer feliz, estas são mais denunciadoras que uma declaração.

José — Entretanto, só agora percebeu.

Belfort — É que eu só compreendo logo o que não é possível. Entremos meu caro José, a conversar com essas damas.

Do alto da escada aparece **D. Maria**. Ouve-se a cançoneta sem compasso.

D. Maria — Oh! Aqui? Por que não entram?

José — Acabamos de chegar. (Apertos de mão)

D. Maria — Bem?

Belfort — Pessimamente bem.

D. Maria — Fala da cançoneta ou da sua saúde?

Belfort — De ambas.

D. Maria — Pois perdeu em não entrar. Fizeram um *puzzle tout a fait réussi*.

José — Quem acertou mais?

D. Maria — A Renata d'Azambuja. (Ao criado Braz que entra com o aparelho de chá) — Ponha o samovar na mesa do centro. Bem. Leve os chapéus dos senhores. (Braz executa as ordens e sai). É preciso repetir todo o dia a mesma coisa. Os criados são cada vez menos inteligentes.

Belfort — A razão é simples: os inteligentes mudaram de profissão.

D. Maria — Deram em vagabundos?

Belfort — Não, deram em patrões. A profissão de patrão ainda é a menos desacreditada das profissões, mesmo quando não paga. Um criado deve desejar o que parece mais sério.

D. Maria (Rindo) — Onde está o seu juízo barão?

Belfort — No bolso, D. Maria. O juízo traz a gente no bolso para não incomodar os conhecidos.

D. Maria — Então, peço-lhe que o mostre agora. Temos no chá meninas e velhas rabugentas.

Belfort — Que me diz? E a senhora ainda não perdeu o seu juízo em tão respeitável companhia?

D. Maria — Não perdi e vou chamá-las até.

José — Parece não ser preciso.

De fato. Entram **Hortência de Vargas, D. Eufrosina Gomensoro, Baby Gomensoro, Carlota Pais, Julieta Gomes, Carlos Villar, Gastão Buarque**, deputado.

Guedes — Essas pessoas vão entrando aos poucos, saídas do salão, a conversar com animação apertos de mão. Beija-mão. Trocam-se as primeiras frases, ao sentarem-se segundo as simpatias. Os dois criados fazem discretamente o serviço. Há nos gestos de Carlos lima permanente inquietação.

Madame Vargas — Como vai o meu caro amigo?

Belfort — Receoso de perturbar a bela companhia.

José — Ficamos de fora a ouvir.

Madame Vargas — Oh! Dr. Ferreira!

Belfort — O José, a Maria e eu. Um quadro romântico: a beira do palácio, na estrada deserta, a Mocidade, a Velhice e a Mulher ouviam a canção do prazer.

D. Maria — Neste caso a mulher é também a velhice.

Belfort — Nunca. A mulher está sempre para aquém da idade.

D. Eufrosina — Dr. Ferreira, bons olhos o vejam.

José — Minha senhora, encantado.

Baby — Então ouviu a cançoneta?

José — Logo vi que não era a senhora.

D. Eufrosina — Minha filha tem o mau vizo de cantar cançonetas.

Julieta — Que tem isso mal?

D. Eufrosina — Não foi a educação que lhe dei. No meu tempo as meninas não cantavam cançonetas.

Baby — E lucraram muito com isso!

Carlos — Eu gostei imenso! Tem até filosofia.

Baby — Não minta. Imaginem que era o Fiorelli o acompanhador. Fiorelli só gosta de acompanhar músicas aborrecidas: a ária do suicídio da Gioconda o dueto da Tosca. A cada passo atrapalhava-se. Ri todo o tempo.

Deputado Guedes — Mademoiselle canta com grande expressão. Eu preferiria, contudo que deixasse o gênero francês.

Baby — Por quê?

Belfort — Como havia de ser se ninguém mais compreende o português?

Carlos — Só se cantasse em inglês.

Deputado Guedes — Perdão apesar da invasão das línguas estrangeiras ainda há muita gente que resiste.

D. Eufrosina — Sou da mesma opinião.

D. Maria — Mas que gente é essa?

Belfort — Onde encontrá-la? Na Câmara, no Senado, na Academia? (Risos, conversa).
Madame Vargas — (A José, baixo) — Veio tão tarde...
José — A tanta gente, hoje...
Madame Vargas — Que importam os outros?
Julietta — Com que então teremos o deputado
Guedes — batendo-se a favor da língua portuguesa na Câmara?
Belfort — Será de certo o único. Vai ser uma tremenda campanha. Os seus colegas fazem o contrário: batem-se sem tréguas contra a gramática. É a luta no próprio reduto.
Deputado Guedes — Os senhores esquecem que eu sou apenas candidato ao reconhecimento.
Gastão — Mas foi eleito?
Deputado Guedes — A eleição é uma formalidade sem importância.
Gastão — Está enganado. No meu club é definitiva.
Belfort — Mas no club da política depende do banqueiro.
Carlos — D. Maria...
D. Maria (baixo) — Deixe de olhar assim Hortência!
Carlos — Eu?
D. Maria — Está a enegrecer uma vida digna de melhor sorte.
Carlos — Mas são todos contra mim!
D. Maria — A seu favor, Carlos. Que interesse tem em aborrecer Hortência!
Carlos — Veja como conversa com o riquíssimo Ferreira.
D. Maria — Você perde a cabeça. Não seja infantil.
José — Onde se senta?
Madame Vargas — Sente-se do outro lado.
Belfort (olhando Gastão cada vez mais magro) — Então Gastão como vamos de esporte?
Gastão — Cada vez melhor, senhor barão. Não me viu domingo no time de futebol?
Belfort — Francamente? É extraordinário o que este esporte tem feito de bem aos rapazes. Dá-me a aparência de que não faz exercício.
Gastão — As aparências enganam.
Belfort — Talvez não... O exercício é o esporte que se pratica para a própria higiene. E o esporte é o exercício que se faz para dar que falar da gente. O senhor ao que parece só faz esporte.
D. Eufrosina — Se esporte é isso, então barão não há quem não seja esportivo agora.
Carlos — Todos mais ou menos tocam para o poste do vencedor.
José — Eu gosto imenso de esporte.
Belfort — E faz algum?
José — Nenhum.
Belfort — Imagine o Gastão se o imitasse com que corpo estaria.
D. Eufrosina — Estes bolos são muitos bons. Como os faz D. Hortência?
Madame Vargas — Os bolos? Oh! Isso é com a tia Eufrosina.
D. Maria — Mandamo-nos buscar fora.
Baby — Mamãe com idéias de bolos feitos em casa!
Julietta — Eu não sei nem os de palmatória.
Carlota — Que coisa pouco chic.
Belfort — Claríssimo. A única diferença entre a sociedade d'agora e a que representa D. Eufrosina, é que a de D. Eufrosina fazia os bolos em casa e a atual como todos os bolos sem saber onde são feitos.
Deputado Guedes — E um progresso.
Carlos — Ou pelo menos um aumento de despesa.

Belfort — E também a origem da neurastenia. Os bolos fazem a dispepsia, a dispepsia a neurastenia, a neurastenia a extravagância. Enfim, procurando bem, o mal fundamental está em não saber fazer bolos em casa. Mas tomemos o chá. O amor é como o chá, dizia Ibsen.

Carlos — Por isso é que tantas senhoras gostam de chá.

D. Maria — Por quê?

Carlos — Para mudar de xícara; sempre que podem.

Carlota — Não me canso nunca de admirar este panorama do terraço de Hortência. Não acha bonito dr. Guedes?

Deputado Guedes — Muito. Eu gosto do mar...

Julieta — E eu!

José — E Hortência?

Madame Vargas — Mais do que eles, acredite...

Belfort — É impossível deixar de ter uma grande paixão pelo mar. Principalmente de terra, o mar é um sugestionador poderoso. Basta olhar para o mar para cair uma pessoa no largo domínio das idéias vagas. E nada mais agradável do que sonhar sentado num rochedo, como os poetas das holografias românticas, ou mesmo na areia como faz a maioria dos contemplativos, no Leme. Um sujeito sem idéias até sem ter tido a idéia de ter idéias, chega a beira da praia, olha o mar e tem logo meia dúzia de pensamentos. É fatal. O mar é um laboratório de imaginação e é por isso que eu explico a superprodução de poetas nacionais pela extensão das costas...

Madame Vargas — Tia manda servir o chá aos que ficaram no salão. (D. Maria vai até a porta do salão).

José — Muita gente?

Madame Vargas — Uma mesa de bridge e outra de pocker.

D. Eufrosina — À mesa do pocker, sempre a ganhar aquele insuportável senhor Jesuíno.

José — Mas o senhor Jesuíno é, segundo me disseram, seu parente afastado.

D. Eufrosina — Infelizmente;

Carlos — E é muito rico?

Baby (rindo) — É um parente afastado que quanto mais rico fica mais afastado.

D. Maria (voltando) — Como todos os parentes ricos.

D. Eufrosina — Acho o gracejo, menina de muito mau gosto...

Baby — São opiniões. Mamãe tem sempre opiniões que eu não tenho.

Belfort (perto de Mme. Vargas) — Perece-me nervosa, Hortência.

Madame Vargas — Realmente, um pouco.

Belfort — Tenha calma e prudência.

Madame Vargas — Preciso de seu apoio, meu amigo.

Belfort — Pode contar com ele.

Baby — (indo ao grupo de Carlos e D. Maria) — Que conversam vocês?

Belfort (deixando Mme. Vargas) — A apostar que conspiram contra a tranqüilidade de alguém?

Carlos — Estamos a ver por quem se decide o Gastão. Se pela Julieta se pela Baby.

Baby — É uma pilhéria sem graça. Nesses casos eu e que decido e por ti é que não me decidiria nunca.

Carlos — Muita pena.

Baby (rindo) — A não ser que o barão quisesse... (Carlos afasta-se)

Belfort (a Carlota Pais) — Está hoje um pouco pálida, D. Carlota.

Carlota — Palavra? Diga-me então alguma coisa que me faça corar.

Belfort — Não posso. D. Maria recomendou-me que tivesse juízo.

D. Maria — Mas as suas inconveniências são sempre interessantes.

Belfort — Reputação atroz.

Carlota — Parece-me que D. Maria foi de uma delicadeza...

Belfort — Ao contrário. Coopera conscientemente para me criar uma reputação. A reputação é a opinião alheia que só nos cria embaraços, mesmo quando é lisonjeira. Todos nós somos, graças a ela, vítimas uns dos outros. Só um homem cumpriu o seu dever na terra porque ainda ignorava a reputação.

Julieta — Quem?

Belfort — Adão! Horas depois tinha uma tal reputação que não fez mais nada digno de nota. E depois de Adão, D. Carlota, a reputação é que nos faz.

Deputado Guedes — Não apoiado.

Carlos — Ninguém concorda com o barão.

Carlota — É um monstro!

José — Que diz Hortência?

Madame Vargas — Eu nunca sou da opinião do barão.

Belfort — Mas no dia em que eu tiver a vossa opinião, deixo de ter a vossa simpatia. O acordo foi sempre a trégua da antipatia...

Gastão — Pelo menos numa coisa o senhor barão concordará conosco. Está. uma tarde linda!

D. Eufrosina — De fato. Uma beleza. Também esta Tijuco é um encanto.

Deputado Guedes — Um tanto perigoso para as famílias agora.

Julieta — Como assim?

Deputado Guedes — Muito mal freqüentada a noite.

Carlos — Gatunos?

D. Maria — Qual! O Dr. Guedes — refere-se aos automóveis, às ceias em más companhias.

Carlos (ironia) — Cocotes! Ceias! Automóveis? Horror!

Baby — Como deve ser interessante!

D. Eufrosina — Menina!

Baby — Que tem de mal? Eu até agora só falei com uma cocotte na minha vida. Mas gostei muito. Era uma senhora séria.

Todos — Oh! Qual! Não! Não!

Baby — Palavra. Foi no carnaval.

D. Eufrosina — Menina, não conte isso.

Baby — Que tem mamãe, se já passou tanto tempo? D. Jesuina Praxedes com várias outras senhoras nossas amigas teve a idéia de passar uns trotes e de entrar nos clubes e bailes, onde os maridos pintam o sete. Mas precisávamos de um guia e D. Jesuina não queria homem. Então Carlota Pais lembrou a Argentina.

Carlota — Eu, não!

Baby (teimando) — Você sim. Você tinha lido o nome dela nos jornais e D. Jesuina exclamou até: "uma mulher que tem vinte amantes e trezentos contos é de confiança"...

Vozes — oh! Oh!

Madame Vargas — Baby, você está dizendo inconveniências.

Baby — Mas se não tem nada de mal; D. Hortência?

Belfort — E a Argentina foi?

Baby — Foram propor o caso ao palacete que ela habita. Ela custou muito a aceitar. Mas afinal acedeu. Saímos todos de dominó preto fazendo "A Mão Negra". Como nos divertimos! Pois quando uma de nós brincava de mais, a Argentina dizia! Ninãs tengan modos! E ferrava-nos um beliscão. Parecia mais uma professora.

Guedes — (no riso geral) — Caspitê!

Belfort — Para mostrar como a moral é uma coisa, de que fazemos questão — nos outros...

Baby — Estão a rir? Pois a única que não foi reconhecida foi a Argentina...

Belfort — Como o nosso caro Guedes. Sabidamente eleito e não reconhecido!

Madame Vargas — Essa brincadeira tem feito o sucesso da estação.

Julieta — E a Argentina?

Carlota — Vai casar. Li os proclamas.

Carlos (a Hortência) — Que pena!

Madame Vargas — Acha?

Carlos (impertinente) — Acho!

Madame Vargas (aos outros, nervosa) — Começa a cair a noite. Se entrássemos?

Carlota — Eu parto. Tenho hoje a ópera.

Baby — Eu prefiro descer ao jardim. Gastão acompanha-me.

D. Eufrosina — Olha o sereno, minha filha. (Baby e Gastão saem para o jardim).

Madame Vargas — Não quero que partam sem ouvir um pouco de música. É Tão cedo ainda. Se fôssemos ver os jogadores? Dr. Ferreira o seu braço. (Baixo). Hoje a noite no teatro.

José — Muito obrigado.

Movimento geral. Vão saindo aos poucos, animada conversa. Ficaram **D. Maria** e **Carlos**.

Carlos — Bem. Vou-me embora.

D. Maria — Já devia ter feito isso.

Carlos — A senhora viu o convite, a provocação com que Hortência? Pediu o braço ao dr. Ferreira?

D. Maria — Carlos, você é desolador. Leva a contrariar-se, contrariando os outros. Hortência? Estava irritadíssima.

Carlos — Não era por mim.

D. Maria — Não, era por mim.

Carlos — E se eu lhe falasse D. Maria?

D. Maria — Se você não é doido, faz o possível por parecer. Para que falar a Hortência?

Carlos — Porque ela está zangada.

D. Maria — Vá-se embora, Carlos. É melhor.

Carlos — A senhora sabe tão bem que eu não vou! Não vou enquanto não falar com Hortência. Não me olhe assim. É cá uma coisa.

D. Maria — Paixão ou pedido?

Carlos — É cá uma coisa que me deu. Hortência? É outra. Eu não vivo bem desde que apareceu esse homem. É idiota, bem sei, mas não posso. Se a senhora soubesse como me incomoda! Hoje não me continha. Hortência? Zangou-se. Vá chamá-la. Um minutinho. Estão a conversar. Não repararão. Diga-lhe que venha.

D. Maria — E se eu não disser?

Carlos (mais impertinente) — Chamo eu mesmo. Não acha que fica mal?

D. Maria — Julgou-o capaz de mais. Vamos ver. (Ao entrar no salão). Ainda não se decidiu esse bridge? (Rumor de dentro. Carlos encosta-se ao balaústre. Um minuto. Depois aparece Mme. Vargas).

Madame Vargas (para dentro) — descanse D. Eufrosina. Vou vê-los (Alto) Oh! Senhor Carlos.

Carlos (Alto) — Retiro-me D. Hortência. A sua festa esteve encantadora.

Madame Vargas (baixo) — Que me queres tu?

Carlos — A boas horas!

Madame Vargas — Temos alguma nova desagradável?

Carlos — Não.

Madame Vargas — Ora temos. Devemos ter. O ar de censura, a impertinência, a frase de dúvida...

Carlos — Deve ser impressão sua Anda nervosa demais!

Madame Vargas — E não tenho razão?

Carlos — Sei lá!

Madame Vargas — Levas-te a vigiar-me a tarde inteira.

Carlos — Talvez.

Madame Vargas — Só não viu quem não quis.

Carlos — Eu, por exemplo, por que tinha de a ver a vigiar-me a mim.

Madame Vargas — Não me enerves, Carlos. Precisamos de tanta prudência. Tu bem sabes que não deves proceder assim!

Carlos — Mas não faço nada, olho quando muito.

Madame Vargas — Compromete-mes de um modo perigoso. Todos reparam, hoje ninguém duvida!

Carlos — Salvo os que a viram comprometer-se com outro.

Madame Vargas — Eu?

Carlos — Nada de surpresas. Com o Ferreira.

Madame Vargas — Com o José?

Carlos — Com o José? Como as coisas caminham! Já o trata por José...

Madame Vargas — Mas acreditas que depois desta loucura contigo, eu arrisquei outra loucura?

Carlos — Por que não? Nada de ilusões. É a vida. Preciso saber ao justo o grau dos seus sentimentos por mim.

Madame Vargas — Se fazes o possível para me desgostar!

Carlos — Parece-lhe?

Madame Vargas — Tu é que te mostras mudar. Tomaste-me de assalto, creio que só para me fazer sofrer! Não dou um passo, não faço um gesto, que não te sinta a chamar-me, a dominar-me, a impor-me as tuas mais loucas extravagâncias.

Carlos — É que não gostei nunca de mulher nenhuma como de ti.

Madame Vargas — Meu Deus!

Carlos — Deploras!

Madame Vargas — Sinto como é superior essa frase de amor...

Carlos — Fazes ironia às minhas frases: Realmente. Não devem ter literatura como as do Ferreira.

Madame Vargas — Por que falas assim, Carlos? Agora, a cada instante, volta o José à discussão. Tem tão pouca importância.

Carlos (Num ímpeto) — tem tão pouca importância o que? O José? Eu? A minha loucura? Talvez tudo isso junto. Ninguém pode adivinhar a intenção das tuas palavras. Continuas a mesma, a fazer sofrer, a torturar, a desgraçar...

Madame Vargas — Oh! Não me fales de fazer sofrer! É tempo de acabar com essa legenda. E tu bastas para redimir as maiores faltas!

Carlos — Queres dizer que sou eu quem te tortura?

Madame Vargas — Vamos a saber. Carlos, que queres?

Carlos — Eu?

Madame Vargas — Mandaste chamar-me e não posso demorar. Que queres?

Carlos — Mas por que esses ares de inimiga?

Madame Vargas — Pelo amor de Deus, dize o que desejas.

Carlos — Desejo apenas que expliques claramente a situação.

Madame Vargas — Que situação?

Carlos — A nossa. Não terás coragem de acabar logo com isso, e dizer francamente: aquele idiota convém-me, tem dinheiro. Ponha-se fora você!

Madame Vargas — Carlos! Estas provocando uma cena perigosa.

Carlos — Tu gostas dele, sim, tu gostas. Nada de subterfúgios. Nada de medo. Sim tens a certeza de que eu perco a cabeça, e adias. Mas eu te forçarei.

Madame Vargas — Tu?

Carlos — Não é possível que em três meses tenha acabado um amor tão grande. Lembras-te daquele teu bilhete, o único que me escreveste? Já o li tanta vez, que até o decorei. "Espero-o hoje á noite. Deus perdoe a minha loucura. Venha à 1 hora." Essa loucura passou? Não podia ter passado! Nunca mais me escrevestes, mas as loucuras não acabam de repente. E estas cenas que reprovas, que te contrariam, estes ciúmes são do amor que te tenho. É sempre assim quando a gente gosta.

Madame Vargas — Em que sociedade?

Carlos — Em todas. Em amor somos sempre os mesmos. Quando a gente ama não há diferenças, não, convence-te. Mas se queres com isso fazer alusões aos clubes, aos meus hábitos antigos, enganas-te. A minha vida de alegria passou. Desde que te amei, nunca mais voltei a esses lugares. Só a ti amo e não quero, não quero que outro te tome. Só por isso, só por isso te chamei, só por isso endoideço.

Madame Vargas — Mas tu me falas como se eu fosse qualquer. Tu duvidas de mim. Não te bastou o que fiz por ti?

Carlos — Perdoa. É a doidice, é sem querer. Devo-te parecer muito mau?

Madame Vargas — Um pouco.

Carlos — Que queres? Bem procuro conter-me, mas não posso. Sei que não tenho e quanto mais te tenho, mais receio de perder-te.

Madame Vargas — E fazes-me sofrer.

Carlos — É tua a culpa. Sim. Tratas-me mal, não me vês diante dos outros. Principalmente quando aparece esse moço rico, que aparece agora todos os dias.

Madame Vargas — Porque te fazes inconveniente! Ah! Carlos, não me contraries. Sabes lá como vivo neste meio em que se espia com volúpia a falta alheia. Se soubesses! Estás estragando a minha vida. É só por isso, ouves, é só por isso que me desgosto.

Carlos — Hortência!

Madame Vargas — Sim, sim. A nossa loucura deve ficar secreta. Dizes que me amas?

Carlos — Duvidas?

Madame Vargas — Não, mas reflito. Ignoras por acaso a nossa situação? Sabes tão bem! Não podes casar comigo. Nem queres.

Carlos — Tu é que não queres.

Madame Vargas — Não é possível. Nem tu, nem eu podemos — ou falha, cada vez mais falha de recursos. Não é justo que me queiras exhibir como tua amante, para que eu veja todas as portas fechadas. Não é justo nem digno.

Carlos — A tua frieza a refletir na loucura. Eu não faço tal, eu não quero nada!

Madame Vargas — Reflito como a vítima que se defende. E tu fazes tudo isso talvez sem querer, mas fazes.

Carlos — Estás arrependida do nosso amor, Hortência?

Madame Vargas — Tu, insistindo num ponto que conheces, é que me fazes arrepender. Tu é que me apontas o arrependimento.

Carlos — Não, não! Faço tudo sem sentir, sem querer. Tens razão, tens muita razão. Perdoa. Não posso casar, porque não tenho nem situação, nem dinheiro. Mas sabes? É instintivo. Quando te vejo com outros, que te cobiçam, que te acham bela, perco a cabeça, desconfio. Sou capaz de tudo.

Madame Vargas — Mas não tens razão de desconfiar.

Carlos — Se se casares?

Madame Vargas — Se eu casar?

Carlos — Sim.

Madame Vargas — Creio que não vais proibir que eu me case?

Carlos (num ímpeto quase alto) — Mas então é verdade tudo quanto desconfio! É verdade que queres o outro, é verdade que me afastas, que me aborreces?

Madame Vargas (assustada) — Carlos, por piedade, não insistas, nesta triste situação nossa, o teu cavalheirismo é, deve ser ajudar-me. Queres perder a minha vida, porque cedi aos teus desejos? Não pode ser bonito, não pode parecer digno.

Carlos — Só pela maneira que falas, vejo a tua indiferença.

Madame Vargas — Sou indiferente e dei-te o que não dei a nenhum outro homem, e faço conscientemente a loucura de te amar, e recebo-te aqui com risco de perder-me. Sou indiferente e entrego-me dou-me. Eu!

Carlos — Hortência!

Madame Vargas — Sou indiferente, e sou o teu objeto, a tua vibração e ando no medo constante de ver que um dia acabas com tudo, e confio-te aquilo que uma mulher preza mais que o corpo; a própria reputação. Tens razão. E por quê? Porque queres estragar aos olhos de todos, egoistamente, por vaidade, a minha salvação!

Carlos — Não, Hortência, não.

Madame Vargas — Sabes as coisas, não ignoras nada da minha vida. Ainda ontem à noite eu te dizia pela milésima vez.

Carlos — Ainda ontem...

Madame Vargas — Ainda ontem. Eu te expliquei claramente. Não há outra solução. Não é possível. O verdadeiro amor é aquele que se sujeita. Diante desse rapaz...

Carlos — Não! Não! Não me fales nele, ao recordar a nossa noite de ontem. Dou-te razão, aceito a frieza do teu bom senso, faço o que quiseres! Mas não me fales nele.

Madame Vargas — Mas se és tu que o lembras?

Carlos — Oh! Hortência, odeio-o tanto!

Madame Vargas — Para que? Por quê? Não desejo ouvir essas palavras. Nunca te falei dele, não te falo. És injusto. E não te falarei nunca mais.

Carlos — Mesmo que venha ocupar na tua vida um grande lugar?

Madame Vargas — Na minha vida só ocupa lugar quem eu amo.

Carlos — E vê tu. Eu sinto que sou covarde, que sou um pobre diabo. Quero reagir, quero ser homem, gritar. E diante de ti não sou mais nada. Hei de fazer o que tu quiseres!...

Madame Vargas — Chamas a isso fazer o que eu quero!

Carlos — Sempre, sempre, irresistivelmente. O amor faz outros os homens. O **Carlos** que tu conheces, é um Carlos que ninguém ouvistes? Ninguém, nem minha mãe conhece.

Madame Vargas — É uma criança...

Carlos — O amor fez-me criança, assim tolo, assim nervoso. Quero-te tanto porque o meu desejo é muito maior que o teu. Mas consolo-me porque aos outros ainda queres menos. Não? Não? (Aproxima-se) Dize. Pois não? Ainda agora. Quanta crueldade! Quanta frieza! Quanto bom senso! E enquanto tu falas, eu sinto apenas o

desejo, um desejo imenso que aumenta. Estás tão bonita! Este teu vestido... Este teu cabelo... Hortência! Perdoa. Escuta. Se hoje fosse como ontem?

Madame Vargas — Oh!

Carlos — Eu esqueço tudo, eu farei o que quiseres. Se fosse como ontem, uma noite encantada, a noite em que adormeceste todas as minhas dúvidas.

Madame Vargas — Não! Carlos. Preciso voltar ao salão. Não insistas.

Carlos — Pareço-te muito miserável, não é?

Madame Vargas — Não. Sabia que havias de terminar por isso. Há uma semana fazes assim. Há uma semana exiges e me atormentas! Estou fatigadíssima.

Carlos — Mas então está tudo acabado entre nós? Queres deixar-me? Serias tu a primeira mulher que me abandonasse. Não!

Madame Vargas — Digo-te apenas que hoje não. Estou cansada.

Carlos — Mas dizes sempre não.

Madame Vargas — E ainda ontem cedi!

Carlos — Quero hoje. Quero ainda hoje. Hortência, concede.

Madame Vargas — Como me atormentas, Carlos!

Carlos — Dize de boa vontade: até logo.

Madame Vargas — Oh! Não!

Carlos — Hortência, não sejas assim. Eu não posso. Vem cá (de repente, na exaltação do desejo). Se não me deres um beijo, faço um escândalo.

Madame Vargas — Estas doido?

Carlos — Completamente. Faço o escândalo.

Madame Vargas — Deixa para outro dia! Hoje não.

Carlos — Assim por assim, é teu desejo acabar, amar o outro. Vê-se. Não queres, porque já amas outro. Mas eu grito, faço escândalo, e verás depois.

Madame Vargas — Carlos, por piedade.

Carlos — Dá-me o beijo, então. (Agarra-a).

Madame Vargas — Mas é mau. É mau. Que horror! Não! Não!

Carlos (puxando-a) — Mas dá-me duma vez?

Madame Vargas (presa, debate-se com horror e medo nos braços do amante) — O que quiseres! O que quiseres! Eu não me pertença mais. Sou tua. Continua a ser tua!

Carlos (esmagando-lhe a boca num beijo) — Sim, minha!

E o pano cai enquanto mais alto a voz abaritonada canta o desejo do “Madrigal”.

SEGUNDO ATO

No dia seguinte, às 2 horas da tarde

É o salão de música. Pela janela aberta, vê-se a varanda e um trecho do esplêndido panorama que é o encanto do terraço. Um piano de cauda ao fundo, com uma colcha de seda vermelha. Jarrão da China entre a janela e a porta. Móvel de laca vermelha e palha dourada. À direita, no primeiro plano, um bibelô com espelho, junto à porta de comunicação com o interior. As paredes são forradas de tapeçaria d'Araccio em lilás e prata velha, motivo: as nove Musas.

Estão em cena **Fiorelli** e **D. Maria** que vem entrando.

Fiorelli — La signora?

D. Maria — Doente.

Fiorelli — Como?

D. Maria — Uma leve indisposição. Desde ontem, veio-lhe a migraine.

Fiorelli — Com este lindo dia de primavera?

D. Maria — Infelizmente, não escolhemos o dia para adoecer. Mas sente-se, Fiorelli, descanse.

Fiorelli — E la signora não me mandou dizer nada?

D. Maria — Não. Creio mesmo que não se lembrou de você. Compreende, uma dor de cabeça. Mas sente-se, Fiorelli, ao menos enquanto espera condução.

Fiorelli (sem sentar-se, hesitando) — Com que então, sempre, bem senhora D. Maria?

D. Maria — Eu? Como Deus é servido. Cuidando da vida dos outros desde que a minha já vai no epílogo.

Fiorelli (distráido) — Sericamente!

D. Maria — Este Fiorelli! Sempre distraído! Sim, seriamente — séria e tristemente. Mas fale-me de si. Que fez ontem à noite?

Fiorelli — Estive no Lino com a família Gomes Pedreira. Cantavam a Bohemia.

D. Maria — Pobre Fiorelli!

Fiorelli — Bela música, um tanto renitente, mas bela música. (ouve-se o timbre elétrico rio interior). Mas chamam. É, de certo, la signora. Senza incomodo. (subtamente mais tímido). Quando será então? Eu preciso tanto!

D. Maria — Mando-lhe amanhã.

Fiorelli — Veramente!

D. Maria — Sem falta.

Fiorelli — Oh! Grazzie! Grazzie! (sai)

D. Maria (acompanhou o músico até aporta, diz-lhe adeus. Volta) — Pobre Fiorelli!

Madame Vargas (Aparecendo no interior) — Foi-se?

D. Maria — Com a resignação de sempre. Está convencido de que eu mando pagar amanhã. Devemos ao Fiorelli cinco meses de tocadás e lições.

Madame Vargas — Outros devem mais. Também tu! Lembrar-me tal coisa, na situação em que estou!

D. Maria — Situação que não é de hoje...

Madame Vargas — Ainda o dizes!

D. Maria — E que piora a cada dia. Ontem o copeiro despediu-se antes de jantar. Foi preciso uma grande tática de que devia servir à mesa. Dei-lhe até o laço na gravata com ar de quem o faz pelo menos comandante de uma brigada estratégica.

Madame Vargas — E ainda brincas?

D. Maria — Para que desanimar? Tenha fé em ti. A nossa situação é desesperadora. Tu mesmo não sabes quanto debes. Devemos a todos os fornecedores, aos criados e ainda por cima fazemos mais dívidas, com o mesmo louco trem de vida. É delicado. Mas seria possível parar agora, fazer leilão, ir morar para uma casa qualquer? Que prazer teriam os teus inimigos, isto é, a sociedade inteira! A bela Hortência Vargas, a viúva do diplomata, a orgulhosa Hortência que rejeita as melhores propostas, descendo do seu pedestal.

Madame Vargas — Nem todos pensam assim.

D. Maria — A maioria não sabe que não temos mais dinheiro e quer ver o fim. É humano. Que fazer? Resistir. Esperar. Tenho virado um pouco financeira e devo dizer-te que esgotados os dinheiros da hipoteca da casa começo a liquidar as tuas jóias. Belfort dá-me conselhos e já aceitou duas letras minhas.

Madame Vargas — Tia!

D. Maria — Ele é tão delicado, que é impossível recusar. E há um ano vivemos nesta despesa de grão-duque sem rendimento! Mas tenho fé Resolves agora tudo.

Madame Vargas — Resolvo?

D. Maria — Então o José? O casamento é a única solução. Que esperavas tu? Um casamento rico. Vem-te rico, jovem e apaixonado.

Madame Vargas — Sim. É rico, é milionário, é moço, amante. Seria minha felicidade. Ama-me...

D. Maria — Mas é a tua felicidade.

Madame Vargas — Como, tia?

D. Maria — Como? Então não aceitaste?

Madame Vargas — Aceitei sim, aceitei. Não foi só pela questão de dinheiro. Desde que José tão humildemente me ofereceu a sua mão de esposo, uma imensa e submissa gratidão me foi enchendo a alma. Aceitei. Mas querer-me ele e desejar eu esse enlace já, é o mesmo.

D. Maria — Não pode deixar de ser já. A demora é o desastre.

Madame Vargas — A quem o dizes! Ele quer, eu quero. Mas há de outro lado as insinuações, as cartas anônimas, os despeitos, tudo quanto tem o rótulo da sociedade. (Levanta-se). E há, meu Deus, e há, para suprema infelicidade, Carlos.

D. Maria — Não se convence?

Madame Vargas — Não se convence. Ao contrário. Ameaça fazer um escândalo, ameaça contar tudo.

D. Maria — Mas é infame.

Madame Vargas — Infame, fui eu. Infame que me entreguei, após tanto tempo de honestidade a um rapaz sem escrúpulos. É louco? Mas louca sou eu que me deixei levar, arrastar por ele. Não me olhes assim. Eu estava só, só, sem ter ninguém que me amasse. Agora, não. Agora sinto que não é possível mais, que há uma grande, oh! Enorme diferença entre os dois. E quero realizar minha vida; Quero e hei de realizar.

D. Maria — Realizarás, estou certa. Mas que vais fazer?

Madame Vargas — Imagina o que é preciso fazer! Que esforço, que contenção de nervos. Há oito dias, Carlos desconfiou; sentiu que José era mais do que um partido. O seu ciúme as suas cenas! Aumentam hora a hora! Tia, se Carlos tiver a certeza do pedido de casamento, estou perdida. E ele desconfia.

D. Maria — Não.

Madame Vargas — Mais do que isso. Tem quase a certeza. Está louco. Disse-me ontem no chá.

D. Maria — E cometeste a imprudência de recebê-lo à noite!

Madame Vargas — Viste?

D. Maria — Não vi, mas tinha a certeza. Não fosse eu mulher! A mulher só tem um recurso contra o ciúme: entregar-se. Esquece que ainda complica a vida.

Madame Vargas — Sim, sim. Foi pior. Não imaginas que noite, que pavorosa noite de sofrimento. A insistência sua, a terrível insistência, o nome do outro nos seus lábios que me beijavam com brutalidade! Tinha ímpetos de escorraçá-lo e estreitava-o mais. É preciso o ocultar, ocultar. No dia que souber, conta tudo ao José Não dormi. Só há um recurso, fugir, casar fora daqui, ver-me livre dele. Depois José defender-me-á!

D. Maria — Minha pobre Hortência!

Madame Vargas — E tenho de fingir, continuar a fingir sem que ninguém me ajude. Tia, já não se trata de dinheiro, trata-se da minha honra para um homem que me respeita a ponto de me oferecer sua mão.

D. Maria — Por que não falas a Belfort?

Madame Vargas — Ele vem hoje. Prometeu-me ontem. Só ele que sabe de tudo e é bom e poderá ajudar-me. (Aparece o criado).

Antônio — O Dr. José Ferreira.

Madame Vargas — Mande entrar. (O criado sai). Deixai-nas sós, tia. Vê que não nos interrompam. A todo o instante penso no outro. Como eu leria vontade de dizer a este toda a verdade, e como é impossível! (Vai ao espelho, compõe a fisionomia e volta-se a sorrir quando entra José Ferreira com um ramo de rosas, fica perto do puff). Seja bem-vindo com as suas lindas flores!

José — Como todos os dias as flores são suas.

Madame Vargas — (vai por as flores no vaso sobre o piano) — Merci. Mas sabe que é escandaloso? Quem o vir chegar todo dia com um ramo de rosas o que não dirá?

José — Que importa, se é para bom fim!

Madame Vargas — E a nossa combinação?

José — O segredo? É o de Polichinelo. Sabe que falei ontem à mamã?

Madame Vargas — Ah!

José — Era apenas uma formalidade, mas não podia deixar de a cumprir.

Madame Vargas — Fez bem. Que disse ela?

José — Ficou contente. Tudo que parece ser a minha felicidade é de resto sempre a vontade de mamã. Sou _filho único e ela é só. Imagine que pensa em netos! Mas conhecia-a de vista e acha-a linda. Sabe que causa uma impressão de rainha?

Madame Vargas — Lisonjeiro!

José — A mamã é uma senhora muito ativa, de costumes rígidos, bem a senhora antiga, esposa de fazendeiro, achando que ninguém pode ser superior aos seus. Sabe, entretanto a sua frase? Disse-me a sorrir: "Aquela senhora tão bonita gostou de ti, José".

Madame Vargas — Oh! José!

José — Repito o que disse a mamã. E olhe que para falar francamente, de vez enquanto ponho-me a pensar e indago a mim mesmo: como seria isso?

Madame Vargas — Senhor Dr. José Ferreira, se viesse sentar-se em vez de dizer isso?

José — É a verdade. Quando há dois meses a vi no teatro tive uma tão esmagadora impressão! O coração se fez pequeno, pequeno. Já me disseram que só se fica assim diante das pessoas que nos vão dar um grande bem ou mal irremediável. Lembra-se? Ao entrar no seu camarote pelo braço do Guedes, não sabia o que dizer. O coração adivinhava e fazia-se pequeno com medo.

Madame Vargas — (rindo) — Felizmente, o medo durou pouco.

José — Porque logo se fez amor. Mas nem calcula como esse seu ar tão superior, esse seu ar de imperatriz faz os outros se julgarem menores. Eu tremo sempre de a perder...

Madame Vargas — Ilusão! A imperatriz já o vira na platéia e indagava: quem será aquele rapaz diverso dos outros que me olha na quinta fila?

José — Hortência!

Madame Vargas — É bom gostar um pouco dos outros!

José — Amo-a tanto! Hortência, que bem o sinto, o meu amor há de fazê-la feliz.

Madame Vargas — José! Conhece-me. Deve-lhe ter dito tanto mal de mim! A fria Hortência, é que despreza todos os pretendentes! Sim! É uma pouco verdade. Nunca amei. Entretanto, não sei por que nesta minha vida, neste inferno de festas, de alegrias que são amargores e amargores que não são alegrias, só uma pessoa dá-me uma impressão de sossego, de paz d'alma, de apoio, de satisfação completa — você. Quando você está, sinto-me tão calma, tão descansada, tão bem! É fé — a

fé de que encontrei enfim o meu amigo, o meu protetor, o meu verdadeiro esposo. E o meu coração sente-se então muito largo, muito largo, e eu tenho uma grande vontade de chorar.

José — É bom falar-me assim, Hortência. Se eu quisesse dizer-lhe o que é o meu amor, dir-lhe-ia que desejava fazê-lo forte e macio como de aço coberto de veludo, para defender sem a magoar. Porque é superior às outras, porque tem a alma tão alta e a beleza tão altiva, é que precisa de quem lhe abra o caminho, de quem limpe a estrada da pedra e da erva daninha, de quem sob os seus passos estenda o arminho e as rosas. Eu amo-a assim, Hortência. Muito, muito. Se não me desse atenção, se não me quisesse ver, teria desaparecido sem a criminar. Levaria comigo apenas a mágoa da minha inferioridade, e não teria uma queixa e não diria nada. Sabendo que me aceita, que me agasalha, sinto que a vida se completa e que a sorte, trazendo-me a felicidade e fazendo-me bom, completou que a série dos seus bens, dando-me para conduzir a estrela que de longe eu seguia...

Madame Vargas — José! José! Eu nunca tive me falasse assim. Eu nunca tive. Se tudo entre nós tivesse de acabar, poderia levar a certeza de uma recordação indelével, a certeza da revelação. É tão delicado e tão bom! Dá-me flores e o seu amor. Quantos me ofereceram isso antes, eu recusei. Ofereciam? Sei lá! Queriam. É você o único que oferta, e tão bem que o perfume da sua alma entontece, e que uma grande vontade de ser boa faz da pobre Hortência alguém que só no mundo o quer. Mas é sonho. Tudo quanto é muito bom não pode ser verdade.

José — Por quê?

Madame Vargas — Tenho medo daqui, tenho medo de tudo. Enquanto não o conhecia, José, enquanto a minha vida era lutar e resistir nesta sociedade de invejas, de intrigantes e de egoístas, era forte e queria. Tinha de ser. Diante de mim o horizonte se definia sempre igual e pardacento. Agora não. Agora tenho medo, tenho medo de tudo. A cada passo penso que vão destruir a minha felicidade.

José — Mas quem?

Madame Vargas — Esta vida! Esta gente!

José — Mas se eu estou a seu lado?

Madame Vargas — O meu desejo era um só — partir. Partir consigo.

José — Já agora está assentado o nosso casamento.

Madame Vargas — Seria tão bom que não fosse aqui! Escute, José é um estado de nervos, um receio vago inexplicável. Eu não queria que fosse aqui. Partir. Partir. Levá-lo para longe dos curiosos a nossa felicidade e de lá então anunciar.

José — Sempre a mesma idéia.

Madame Vargas — Guardar o segredo, o segredo imenso do meu primeiro amor.

José — Não quer que ninguém o saiba?

Madame Vargas — O meu desejo era que o mundo o ignorasse, que fosse depois como uma surpresa irrevogável.

José — Eu, ao contrário desejaria que todos soubessem.

Madame Vargas — Vaidoso!

José — Orgulhoso! Ando tão alegre, tão cheio de felicidade, que só tenho o desejo de irradiar pelos que encontro o meu prazer. O segredo sufoca-me.

Madame Vargas — Guarda-o por mim, José, guarda-o. Há tanta gente que não suportaria a nossa alegria! Procurariam envenenar os nossos instantes de prazer, falando, inventando, caluniando. Seria o tormento nas reuniões, a curiosidade indiscreta nos teatros — coisas pior, quem sabe...

José — Que importa a opinião dos outros?

Madame Vargas — Essa gente vive conosco na mais cordial simpatia, mas ao perceber a felicidade, é uma raiva que lhes dá de despeito e de inveja.

José — Dizendo-o a todos, ninguém se atreverá. O mistério dá-me a impressão de que vamos cometer um crime.

Madame Vargas — E há maior crime para os outros de que organizarmos a própria felicidade? Não, José Como seria bom partir!

José — Mas parto. Sempre acedi aos seus desejos.

Madame Vargas (de súbito, rindo) — Tu partes num dia, eu parto no outro. Chegamos no mesmo dia. E depois de lá chegar, eu rirei, eu rirei...

José — Como está nervosa, Hortência. Nunca a vi tão nervosa como hoje.

Madame Vargas — É que não posso mais, José Não posso mais aturar esta gente, esta sociedade. Tudo antes de você. Nada agora, Nem mais um dia, porque um dia é um século. Eu iria, partiria se não fosse primeiro.

José — Mas não é preciso tamanha exaltação. Já tanto me falou no mistério e nessa partida, que estou de há muito resolvido.

Madame Vargas — Palavra?

José — Palavra. Desde que lhe declarei o meu amor, imagina inimigos por todos os cantos. Não é tanto assim! Levei um mês a ouvir o falar de si. E o que diziam? Que era insensível, que era má, que seria incapaz de amar? Vivem a verdade de tudo isso! De mim o que poderão dizer? Nada ou tudo. Que importa se não acredita? Mas é vontade sua. Para que contrariar? Acabemos. Amo-a. Quer partir? Que seja já. Mais depressa casaremos.

Madame Vargas — José, José!

José — Mas que nervos! Que nervos, Hortência!

Madame Vargas — Hoje é terça. Partiria amanhã?

José — Como?

Madame Vargas — Sim, embarcando amanhã, eu seguiria depois de amanhã noutra pacote, só com a criada tia ficaria. Ninguém saberá senão depois de estarmos longe tudo se esclarecerá quando dois dias depois os telegramas disserem o nosso casamento.

José — Mas é uma fuga.

Madame Vargas — É.

José — Dirão, que fugimos juntos.

Madame Vargas — Que importa?

José — Mas, Hortência, é um estado de nervos...

Madame Vargas — Não, é medo. Medo de ver desfeita a única ilusão da minha vida. Sou só no mundo. Só agora comecei a amar a um ente, quando o sofrimento já me fizera medrosa. Esta sociedade dilacera-me. Enquanto não o conheci — não pensava. Agora cada vez penso mais, cada vez desejo mais. Terá que anunciar uma felicidade a realizar-se. Realizamo-la antes para fazê-la depois conhecida. Para que demorar?

José — Não me incomoda a opinião alheia. Mas neste caso a maledicência será contra si. Hortência.

Madame Vargas — Que importa, se sabe você bem o que é? O meu desejo é impedir o travo da felicidade. Se eu não o amasse José, juro que não lhe pediria isso!

José — Como é possível negar-lhe alguma coisa? Mas são duas horas. E eu tenho de levar a mãe à cidade. É obrigação. Logo à noite estarei cá.

Madame Vargas — Ainda há tempo de partir amanhã?

José — É uma viagem de núpcias inteiramente nova!

Madame Vargas — Cada um no seu vapor e antes do casamento! Como vou rir! Como vou rir!

José — Mas é preciso não ficar assim nervosa... Porque então não vou nem mesmo à cidade...

Madame Vargas — Sim por mim, por mim (Pendendo no seu ombro). Nunca imaginará, José, como lhe quero bem!

José — Seria dar-me força para querê-la mais — se fosse possível. Minha querida, sempre tão nervosa!... Até logo.

Madame Vargas — Volta para dar-me a resposta?

José — Volto à noite. Tranqüilize-se. Já lho disse. E juro que parto.

Madame Vargas — Meu querido! (Acompanha-o até a porta. Fica a dizer-lhe adeus porque José passa pela varanda. Depois tem um grande suspiro, distende os braços. Infinita tristeza na face. Instante. Silêncio. Caí numa cadeira junto à janela, meditando. Entra Belfort).

Belfort — Muito bom dia, Hortência.

Madame Vargas — Oh! Barão.

Belfort — Como vamos de ontem?

Madame Vargas — Como fiquei ontem?

Belfort — Alguma coisa grave?

Madame Vargas — Infinitamente Grave. Encontrou José?

Belfort — Vim do landaulet. Não o vi. Trata-se dele?

Madame Vargas — Trata-se do drama da minha vida, desta minha desgraçada vida. Não tenho ninguém para desabafar, para me aconselhar num grave momento, a não ser a tia, que é boa e não tem inteligência, e o senhor que é inteligente...

Belfort — Mas não sou bom.

Madame Vargas — É o melhor dos homens.

Belfort — Não diga isso. Sabe bem que só pode ser bom para uns o que é mau para outros. (Desce a ela) Mas como está nervosa! Pobre Hortência! Que coração o seu! Sabe a que a comparo? A uma flor cujo viço depende de muito cuidado e que jaz para aí sem esse cuidado à mercê da intempérie. Diga-me. Vai casar sempre?

Madame Vargas — Barão, sabe toda a minha vida. Nunca lhe ocultei nada porque seria inútil. Sabe mesmo antes que lhe digam. Sim. Quero realizar esse casamento. Que pensa ele?

Belfort — É uma solução, a única mesmo.

Madame Vargas — Não lhe pergunto a opinião que faz de José Vejo que o acha melhor do que os outros.

Belfort — É raro. Bom, nobre, sério, escandalosamente sério. Só não me atrevo a rir da sua inverossímil seriedade para que os outros seriamente não se convençam de que não há perigo em continuarem patifes.

Madame Vargas — E pensa como eu desta gente!

Belfort — Engana-se. Não penso, classifico. No dia em que cada homem sério quiser organizar-se um pouco à maneira de um gabinete de identificação, a sociedade melhorará quase tanto como o desejam os socialistas. Será apenas o uso intensivo da precaução, — da ciência da precaução. Mas em tudo isso, minha querida Hortência, o essencial é não sofrer. Todos nós desejamos não sofrer. E parece que sofre pelo menos uma grande preocupação. Não é o José? Esse ama-a leal e sinceramente...

Madame Vargas — É a minha vida.

Belfort — Só?

Madame Vargas — Estou incapaz de continuar, estou sim, cansada de sofrer. Não posso mais. Conhece-me há muito, barão. Não me queixo nunca. Mas já não posso.

Belfort — Não se trata mais de lutar. Trata-se de um sentimento.

Madame Vargas — Sim, talvez.

Belfort — A sua vida tem sido à espera da felicidade.

Madame Vargas — Com que desejo a espero!

Belfort — Desta vez está a tê-la nas mãos...

Madame Vargas — Barão, sou muito infeliz! Nunca fiz mal a ninguém por vontade. E, entretanto parece que tudo se revolta contra mim. Sabe o que se passa?

Belfort — Q que não podia deixar de ser, minha boa Hortênciã. Acabou por amar deveras um homem digno que a pediu...

Madame Vargas — E de repente, quando tenho a felicidade, quando a sinto ao alcance da mão, após uma vida de esforço, de sacrifício, de tormento oculto, o único momento de loucura, o único instante de esquecimento desta vida exemplar, ergue-se como o desastre.

Belfort — Como?

Madame Vargas — Lembra-me a sua frase, há dois meses, na legação do Japão.. "Há pequenas tolices que são grandes desastres". O senhor olhava Carlos com um frieza terrível. Compreendi que sabia, que tinha sabido.

Belfort — A velhice torna infalível a observação.

Madame Vargas — Eu, entretanto já antes o compreendera também. Abandonara-me a um desvario de momento, a um desejo mais forte, e estava à mercê de uma criatura egoísta, seca, brutal, um rapaz que tem a prática da maldade de um velho. Precisava dum consolo. Tive um aro de ferro que me serra, que me cinge, que me aperta. Antes de poder escapar-lhe, veio José. É tão diferente!

Belfort — É não pensar senão no José...

Madame Vargas — Ah! Não posso. Infelizmente não posso. Viu ontem Carlos no chá?

Belfort — Fazia acena do ciúme insolente.

Madame Vargas — Desconfiou que há da minha parte mais do que simples interesse por **José**. Desconfiou e eu neguei. Neguei por medo, neguei por covardia. Quanto mais eu nego, porém, mais o seu ciúme quer, mais exige. Vivo num tormento. Não posso mais. Se confesso, sinto-o bastante capaz de, por vingança, ir dizer ao outro a minha falta. Se nego, tenho de fingir, de fingir amor por um ente, que não amo, que não amei nunca, que apenas me entonteceu. Como é fátuo, como é mau, como é cruel esse rapaz, meu amigo. Não! É preciso acabar com isso já. Mesmo que não case com o José, não poderei mais suportá-lo!

Belfort — Tenha calma.

Madame Vargas — Só a um homem como o senhor falo como a mim mesmo. Sou bem uma infeliz. Sabe o meu orgulho de menina, a minha vaidade. Recalquei o desejo, com a ambição de triunfar. Era bela, a intangível. Casaria com um grande nome. Há dez anos — em torno de mim amontoaram-se os desastres. Fugi do amor, e quando esse amor estava para chegar, ainda o desastre, o maior, o insuperável me fez ruir todas as esperanças. Não quero! Não quero, não! É de mais. Porque preciso vencer, porque quero ser digna — porque amo.

Belfort — Mas não se exalte.

Madame Vargas — Chegou ao auge, meu amigo. É a tortura, estou nas mãos de **Carlos**, sabe? Inteiramente em suas mãos. Ele conta tudo se souber que eu caso. É o escândalo. Pior. E o meu fim.

Belfort — Não fará isso.

Madame Vargas — Jurou-me. E faz. Sei que faz, para muito mais. Conhece-o?

Belfort — Vi-o menino.

Madame Vargas — Tem-se por chic, tem-me por prazer mau, tem-me como se tem uma tem uma presa. Dei-lhe o que uma mulher tem de mais caro: a reputação.

Como? Não sei! Era a sua impertinência, era a sua ciência de tentação. Eu estava só, havia tanto tempo... Se pudesse ser perdoada, teria apenas para o perdão essa terrível expiação de todos os momentos, sentindo-o a fingir amor, a gozar, a mandar, a dispor da minha honra, da minha vida, por vaidade, por egoísmo, por maldade.

Belfort — Mas não fará nada disso.

Madame Vargas — Não o conhece.

Belfort — Mais do que supõe. Quer ter confiança em mim?

Madame Vargas — É a única pessoa que me merece.

Belfort — Que pretende fazer?

Madame Vargas — Fingi até agora, fingi com pavor, com a idéia única de salvar-me. Tudo, menos que o José venha-a saber. E consegui, consegui tudo. O José embarca amanhã. Eu sigo-o. Se ele não cometer a sua ameaça até amanhã, estou salva!

Belfort — É apenas uma criança. E o José embarca?

Madame Vargas — Pedi-lhe tanto!

Belfort — Mas, minha querida Hortência, fugir é levar o tiro pelas costas.

Madame Vargas — Que fazer? Eu não sei! Já não penso.

Belfort — É simples. Dizer-lhe tudo.

Madame Vargas — Nunca!

Belfort — **Carlos** é de uma família honrada: refletirá.

Madame Vargas — Não! Não! Quero partir!

Belfort — Partir é secundário. É preciso apenas partir com a certeza de que esse rapaz não lhe fará uma infâmia ao saber do caso.

Madame Vargas — Fa-la-á, barão, fiá-la-á!

Maria (à porta) — Hortência. (Os dois voltam-se, D. Maria faz um sinal significativo).

Madame Vargas — Ei-lo aí. Vê? Volta! Está continuamente aqui. Volta a ameaçar-me.

Belfort (resolução súbita) — Recebo-o eu.

Madame Vargas — Barão, por quem é!

Belfort — Deixe-nos sós, Hortência. É muito grave o que se passa. Sou eu quem lho diz. Juro que lhe darei a felicidade. Deixe-me conversar um pouco com ele. Bastará isso. Depois venha falar-lhe.

Madame Vargas — Não me perca! Não me perca!

Belfort — Nunca dou um passo sem a certeza do que vou fazer. Vá. (Leva-a com autoridade até a porta, fecha-a. Senta-se numa poltrona). Há quanto tempo não via um pequeno drama em pleno desenlace. Vai ser realmente delicioso! (Recosta-se com indiferença).

Carlos (entrando, surpreendido) — Oh! O senhor?

Belfort — Bom dia, jovem Carlos.

Carlos — Pensava tudo menos encontrá-lo agora.

Belfort — Goza você da mesma surpresa que eu. Também não contava.

Carlos — Madame Vargas?

Belfort — Acaba de sair daqui.

Carlos — D. Maria?

Belfort — Ainda não a vi. Anda de certo nos arranjos da casa. Pobre D. Maria!

Carlos — É uma boa senhora.

Belfort — Quem sabe? Não há ninguém bom nem mau completamente. As pessoas são como as ações. Tomam o aspecto do momento. Há ações que encaradas sob o prisma da rigorosa moral parecem pouco apreciáveis, e que, entretanto, se pensarmos bem, sem moral, chegam a ser desculpáveis.

Carlos — Sempre moralista!

Belfort — E dos melhores, porque compreendo a imoralidade geral sem regenerá-la. Mas como nós divagamos!

Carlos — Talvez do calor!

Belfort — É que ambos temos uma preocupação forte.

Carlos — O barão tem alguma?

Belfort — A de querer conversar com você.

Carlos — É o que fazemos.

Belfort — Conversar a sério. Em geral conversamos muito para não dizer nada. Escondemos o terrível diálogo do silêncio. Desde que chegou, você pergunta: que me queres tu? E eu respondo; já te direi!

Carlos — É imaginoso.

Belfort — É, como vê, muito triste. Não negue. O nervosismo impaciente da sua atitude parece traí-lo. Que quer fazer?

Carlos — Mas... Nada.

Belfort — Ainda bem. Há pouco, depois do almoço, vim ver Hortência e soube de coisas muito interessantes.

Carlos — Ah!

Belfort — Sente-se aqui. Tenho por Hortência uma grande amizade, a amizade que se tem pelos que não conseguem realizar a felicidade, tendo todas as condições para obtê-la. Hortência, não sei se sabe? Continuando depois da morte do marido, a mesma vida de fausto, está sem recursos. Ou antes, tem pouco para manter uma vida que é a razão de ser da sua existência. A aparência! Como a aparência leva à ruína neste país! Hortência soçobra, porém, sem salvamento. Falta-lhe um auxílio forte, falta-lhe um homem.

Carlos — Ah!

Belfort — Claro que com a sua altivez e a sua intangível honestidade ela não aceitaria nem aceitará nunca auxílios de dinheiro estranho. Qual a solução que você apontaria à nossa pobre amiga, que não sabe ser senão bela e gastadora — para a salvar do cataclismo?

Carlos — Francamente...

Belfort — Ela está bem num dilema, não acha?

Carlos — Compreende esta confidência imprevista...

Belfort — Da minha parte, não há dúvida, deve espantá-lo. Mas nós conversamos muito. E há de fato uma solução providencial, a solução que noventa e nove vezes sobre cem acode as pessoas acostumadas ao luxo, quando o luxo vê que as vai perder. Hortência, no seu desastre financeiro, conserva a maior dignidade e a maior pureza. Dela até agora, nem suspeita. Quer um charuto?

Carlos — Obrigado, não fumo.

Belfort — Inibe-se com isso de dois prazeres; o de devancar e o de perder a memória, o que em certos casos é excelente. Mas onde estava eu?

Carlos — No dilema.

Belfort — Não. Um pouco mais adiante. Na providência. Creio que o não fadigo.

Carlos — Ao contrário.

Belfort — E a providência, como sempre providencial, arranjou a solução...

Carlos (explodindo) — Barão, por que me tortura, há tanto tempo?

Belfort — Mas não. Procuro as palavras. Quero apenas fazê-lo refletir.

Carlos — Ela vai casar, ela aceitou o casamento?

Belfort — Ela aceitará.

Carlos — Com ele?

Belfort — Que importa que seja com ele ou com outro? É a salvação.

Carlos — E mandou chamá-lo para me dizer isso?

Belfort — Como amigo que a respeita e que deseja a sua felicidade.

Carlos — Só isso, barão, só esse ato dela, mostra que eu tenho um pouco de razão. Não teve coragem de me dizer face a face.

Belfort — Estima por você talvez.

Carlos — Estima! A ironia dessa palavra! Estima! Dou-me a ela, hipoteco-me à sua vontade, vivo por ela, pensando, sonhando nela, num sentimento imenso de dedicação, de amor, escondendo-me, humilhando-me. E quando após três meses, ainda é maior o meu sacrifício, casa com outro e manda-me dizer que eu reflita. Há de convir que é cômico.

Belfort (impassível) — A vida é uma dor contínua que se finge não sentir — como medo de não mais a sentir. Que se há de fazer!

Carlos — mas para que fingir.

Belfort — Você engana-se. Não fingiu até agora nem finge. Outra fosse a situação e estou certo de que não a veria sofrendo. Foi você a sua única loucura.

Carlos — Uma loucura que passa à passagem da primeira conta corrente.

Belfort (leve impaciência) — Carlos, você esquece que eu respeito madame Vargas.

Carlos — Mas é o senhor mesmo quem me dá as suas razões.

Belfort — E esquece que eu o conheço muito bem.

Carlos — Trata-se de um caso diverso, trata-se de outra coisa.

Belfort — E esquece também que não a pode prejudicar, não tem o direito de o fazer.

Carlos — Que me importa?

Belfort — E esquece até mesmo a sua situação, que me abstenho de definir.

Carlos — Diga. Continue. A minha situação miserável, a situação que no primeiro momento envaidece, mas que só se compreende depois. Diga. Ela é a grande dama, que esqueceu alguns meses o seu dever. Eu sou o rapaz sem conseqüências. Bem vestido, filho de boa família, mas sem profissão e sem dinheiro. Quando vem o interesse, *allons oust!* Seja cavalheiro e passe muito bem. Simplesmente o inferior! Ah! Meu caro barão, você não compreenderá nunca a fúria de amar, quando a gente se sente inferior. É uma miséria, é um nojo, é um desespero. A maioria dos desclassificados vem do amor em que eram inferiores. Eu sou inferior. Eu não tenho dinheiro. Se ela fosse rica, eu seria apenas o preferido, o manteúdo! Oh! Sim. Havia de bater-lhe para mostrar que antes de ser dela, ela é minha. Há mais, porém. Sou o preferido secreto que ela arreda para casar com outro. E então tudo quanto ainda tenho de nobre, que é um desesperado orgulho, me sobe à cabeça. Tenho ciúmes, ciúmes idiotas, sem razão de ser. É uma luta. Vou quase a ceder e de repente vem-me palpável a lembrança dela e dele, que é estúpido, que é rico. Estúpido, rico e forte... Penso que ele sabe, que ele me despreza. Penso que ela acabará desprezando-me também, satisfeita em tudo com um espírito que se deixe dominar, com o dinheiro para gastar e além disso, com um homem forte e moço! Meu Deus! Eu já sabia que ela ia casar. Ao ver esse pobre diabo, que só a leva pelo dinheiro e pela posição, adivinhei. Então agarrei-me aos últimos instantes de dúvida, desejei-a como quem rouba, violei-lhe a fraqueza como um salteador, entontecia de medo, de susto, de pavor...

Belfort (frio) — E vai tranquilamente deixá-la em paz!

Carlos — Como?

Belfort — Para que esse desespero? Você é moço. A juventude pensa que tudo acaba, quando tudo continua. Para que tanto drama? Raramente as mulheres valem uma loucura. Talvez por isso não há mulher que não tenha enlouquecido um homem. Ou dois. Ou mesmo três. Mas não importa. As mulheres são pequenos vasos de cristal

transparente. Não tem cor. Nós é que lhes pomos a tinta da nossa ilusão. Vemo-las azuis, rosas, ou negras retiradas a tinta, meu rapaz, os vasos continuam sem cor. Você é um temperamento que eu conheço bem. Ela, porém é um pouco diversa de você. Acabou. Acabou tudo. Retire a tinta. Outros amores virão. E o que fizer sofrer a outras mulheres compensá-lo-á do que não pode mais fazer a Hortência.

Carlos — O senhor não acredita na minha dor, barão?

Belfort — Meu caro Carlos, decididamente exagera.

Carlos — Exagero?

Belfort — Não quererá fazer-me crer numa paixão fatal por Hortência. Conheço-o muito bem. Uma paixão fatal é profundamente aborrecido. Trata-se de uma conquista mundana, aquilo por que vocês todos almejam: a mulher bonita de sociedade, que se assalta uma noite de baile, que se envolve em luxúrias aprendidas nas pensões, e que se conserva mesmo às escondidas como um brasão, porque posa bem. Oh! Não! Interromper-me para quê? É exatamente isso depois a paixão ocupa. Entra uma Renée e uma Glória qualquer e sempre elegante, o luxo gratuito de uma senhora a quem se domina pela revelação libidinosa, pelo próprio terror do escândalo...

Carlos — Barão! Não me confunda com essa gente. O seu ceticismo aniquila a vontade que tenho de convencê-lo! Não! Eu não quero impedir a felicidade dela, eu sei que sou transitório, que não devo ser levado em conta. — Ela pode casar. Mas não com aquele, não com ele. Esse não! Não!

Belfort — Por quê?

Carlos — Não sei! Já não sei o que digo! Mas não. É instintivo, é uma revolta furiosa.

Belfort — Uma pequena revolta. Compreende-se. Outro qualquer não reuniria as qualidades que tanto o incomodam no José é por consequência uma questão de despeito, de vaidade. Tanto mais dolorosa quando é na sombra, sem que ninguém saiba. Mas por isso mesmo nobre, mais nobre. Hortência falou-me do receio que o seu ciúme lhe causa. Teme desgraças, horrores. Logo a tranqüilizei lembrando: Carlos é um cavalheiro. A nossa palestra tem esse fim. Você vai deixar de ameaças que não são um prodígio de galanteria.

Carlos — Eu não ameaço, só eu faço.

Belfort — Você vai deixar de pensar em fazer.

Carlos — Veremos.

Belfort — Desejo convencê-lo apenas.

Carlos — Que me importa a mim ela? O respeito é recíproco. Tramou um casamento e põe-me na rua sem satisfação. Vingo-me estou no meu direito. Não é capaz de dizer-me que o procedimento dela é moral?

Belfort — Não discuto o acaso, que tem contingências. Nada é moral. Mas acho que tudo é digno quando se procura conservar com sacrifício de um, de cem, ou de um milhão de homens a honra de uma senhora.

Carlos — É uma opinião de efeito para as mulheres.

Belfort — A melhor, Carlos, que, peço aceitar.

Carlos — Manda-me embora. É a primeira mulher que me despede! Vingo-me.

Belfort — Mas sou eu quem lhe peço.

Carlos — Em nome de quem?

Belfort — Em seu nome, em nome de seu caráter, primeiro: em meu nome depois. Sou um velho amigo da sua família, de seu pai.

Carlos — Oh! Meu pai!

Belfort — Por ser amigo de seu pai, encontrou-me você sempre...

Carlos — Oh! Barão. Creio que não vai trazer á coleção uns pedidos de rapaz para peitar a minha consciência.

Belfort (impaciente) — Se tem essa consciência, deveria ter começado por não ameaçar uma mulher sem defesa. Mas se a retoma agora, deve respeitar-me.

Carlos — Entre o respeito que possa ter pelo senhor e esta questão em que o senhor nada tem, há um abismo.

Belfort — Carlos, seria melhor não azedar esta palestra. Peço-lhe em meu nome ainda uma vez, em nome de um velho cético que já lhe pagou algumas contas.

Carlos — O senhor alega-me coisas que de certo não fez com o fim de se fazer meu tutor em questões de mulheres?

Belfort — É um caminho errado esse. Estás a mostrar a alma demais. E se eu quisesse alegar?

Carlos — O quê?

Belfort — Eu poderia lembrar há cinco anos a sua entrada na minha casa.

Carlos (senta-se bruscamente) — Barão!Barão!

Belfort — Eu poderia recordar a sua fisionomia desmudada, o seu gesto nervoso, os seus soluços.

Carlos — Barão é pouco generoso o que faz. Não é de um homem como o senhor!

Belfort — Eu poderia dizer-lhe as minhas reflexões diante dessa pequena falta, em que se mostrou com lucro tão mau imitador...

Carlos — Mas não é digno! Não é digno!

Belfort — Eu poderia lembrar que tenho todos as provas de um desvairamento da sua juventude, fui tão pouco generoso que guardei esse documento num canto e nunca mais dele me lembrei.

Carlos (prostrado) — Barão! É o senhor o único homem que me pode falar assim. Não! Não continue. Eu não sei o que faço. Eu não sou mau, não, não sou! É a fatalidade. A fatalidade que me fez um gozador sem fortuna, um leviano, um pobre rapaz leviano. Tudo é contra mim. Até agora. Até agora. É o desespero que me leva a ameaçar Hortência. Eu aceitaria tudo menos o outro. E até aí a minha desgraça o faz ganhando a partida. Porque lembrar o que foi mau, por que lembrar o que passou há tanto tempo?

Belfort — A nossa palestra termina.

Carlos — Eu sou-lhe muito grato, muito, muito. Aquilo o senhor fez, não por mim, mas pela minha família. Para que recordar, se continua amigo de meu pai? Esse desvario passou. Nunca mais. Nunca mais. Não precisava vir com o espectro do passado ameaçar me.

Belfort — Não ameaço. Valorizo o meu pedido.

Carlos — Foi mau, foi tão mau! Disso só o senhor e eu sabemos. Nada mais resta... Não precisava lembrar tanta coisa. Eu sou eu. Não precisava fazer valer em defesa de uma criatura que eu amo, esse processo tão esquisito, tão policial...

Belfort — Diga a palavra. Essa chantagem. Graças aos deuses a chantagem não é só para as coisas ruins. Mas a nossa palestra findou. Levou-me a excessos de que me arrependo. Pedia-lhe que refletisse. Ainda o peço. E tenho tanta confiança na sua prudência que o deixo só.

Carlos — Faz muito pouco do homem a que trata tão mal!

Belfort — Não espero tudo do seu cavalheirismo. (consultando o relógio). Oh! Esperam-me no clube para uma partida séria. Carlos vai ter com Hortência uma última palestra. Seja um homem digno. E não volte mais aqui. Se precisar (põe o chapéu, á porta, elegantíssimo) uma estação d'águas, vá falar-me. Não volte. (sai). Carlos anda nervosamente, morde os pulsos, está furioso.

Madame Vargas (abre a porta da direita de repente) — Belfort?

Carlos (estacando) — Foi-se.

Madame Vargas — Ah! Carlos — Contou-me tudo.

Madame Vargas — Tudo?

Carlos — O teu casamento, o José Ferreira, a situação.

Madame Vargas — Não são coisas definitivas.

Carlos — Mas vão ser. É inútil mais rodeios. Falou-me como tu, friamente.

Madame Vargas — Ai de mim!

Carlos — Falou-me como um negociante. Convenceu-me.

Madame Vargas — De que?

Carlos — De que somos todos do mesmo pano, assaz infames: ele, tu, o noivo e eu. Cedemos um pouco cada um de nós e as coisas irão da melhor maneira, no melhor dos mundos possíveis.

Madame Vargas — Se pensas assim...

Carlos — Pensamos. Pensamos todos assim numa peça bem imoral...

Madame Vargas — Em que não tens o melhor papel.

Carlos — Nem tu.

Madame Vargas — Acho esquisito que tivesses ficado para dizer insolências.

Carlos — Não as direi mais.

Madame Vargas — Belfort falou-me. É um amigo comum.

Carlos — Extraordinário, absolutamente extraordinário, é o que ele é

Madame Vargas — A tua insistência, os teus ciúmes não me davam coragem para te expor a salvação da minha vida. Chamei-o como a única pessoa capaz de te convencer.

Carlos — Convenceu-me. Mas por que chamá-lo? Que se deu? O que eu pensava? Bastava que me tivesse dito logo no primeiro dia. Sou um cavalheiro, sou ao menos teu amigo. Compreendo as necessidades. Compreendo muito bem. Para que fingiste? Tu é que andaste mal.

Madame Vargas — Eu? Se não tivesse estabelecido um cerco angustioso em torno de mim, a espreitar, a entrar a todo o instante, a responderes quase com ódio, se não tivesse a cada passo uma cena terrível de ameaça, teria agido doutro modo. Mas tu viraste meu inimigo.

Carlos — O amor é cego.

Madame Vargas — Sabes que detesto frases vazias.

Carlos — Eu também. Principalmente ditas por nós.

Madame Vargas — Esse tom de impertinência vai-te mal.

Carlos — Não sei por quê.

Madame Vargas — Devo lembrar-te que falas comigo.

Carlos — Estou certo.

Madame Vargas — Eu é que estou cansada, ouviste? Esses teus modos são para outro lugar.

Carlos — Não se trata aqui da minha educação. Trata-se de um arranjo. Eu estava estorvando vem o Belfort e eu cá estamos prontos. Nada de talon rouge-apaches!

Madame Vargas — Longe de me acalmar, tudo quanto dizes mais me excita. Se tivesses aceitado razoavelmente os fatos, não dirias grosserias.

Carlos (rompendo) — Mas vocês são engraçadas! Vocês são tão boas como as outras, vocês têm amigos, vocês têm protetores, com que combinam enganar a humanidade...

Madame Vargas — Carlos!

Carlos — E no momento em que lhe falamos como a iguais, ficam imensamente ofendidas.

Madame Vargas — Carlos! Carlos!

Carlos — Que temos?

Madame Vargas — É de mais. Não me afrontes mais. É indigno o que fazes.

Carlos — Somos iguais. Nada de poesia.

Madame Vargas — Nunca pensei que me humilhasses assim... Não podias fazer.

Carlos — Não se trata do que eu possa fazer.

Madame Vargas — É uma miséria! E dizer que me entreguei a um grosseirão da tua ordem!

Carlos — O papel de vítima vai-te mal.

Madame Vargas — Esqueci todo o meu passado, o meu nome, o meu faturado.

Carlos — A bela lamentação!

Madame Vargas — Meu Deus!

Carlos — Mas não perdes o futuro, fica certa. Que é preciso fazer? Desaparecer? acompanhar o casamento?

Madame Vargas — Tenho pena de ti, Carlos!

Carlos — Em troca eu tenho-te inveja!

Madame Vargas — Para que cavar entre nós o abismo das más palavras?

Carlos — Há um maior.

Madame Vargas — Há a fatalidade — o que não podia deixar de ser.

Carlos — Achas?

Madame Vargas — Mas o que desejas tu, afinal? Que eu perca minha posição social? Que me denuncie publicamente tua amante? Que eu case contigo? Dize. Não podemos continuar definitivamente nesta situação, em que me colocas. Não te bastou o meu orgulho. Queres ver-me vilipendiada, corrida. O meu erro foi pensar um momento que tinhas por mim alguma feição.

Carlos — Hortência!

Madame Vargas — Não vens nunca senão com a ameaça. O teu amor é a violência e a afronta. Que queres tu afinal? Dize que eu faço. O barão falou-te. Estou arrependida de lho ter pedido. Era melhor, sem receio, desde que é esta a minha situação, arrostar com tudo. Vamos, a saber. Queres casar comigo?

Carlos — Hortência.

Madame Vargas — Queres? Essa seria a melhor das hipóteses para mim e é irrealizável. Sabes bem que é E as outras? As outras são o meu desastre apenas.

Carlos — Quando se ama não se reflete como tu refletes. O teu casamento é um pretexto para me afastar. Já não me queres.

Madame Vargas — Não quero loucuras, não quero o meu sacrifício inútil — inútil porque não o compreenderias. Por enquanto eu sou a Bela Madame Vargas que requestas numa linda vila na melhor sociedade. Seria a mesma amanhã seguindo-te na miséria?

Carlos — Para que frases?

Madame Vargas — Quero ao menos saber francamente o que desejas. Esta é a nossa última explicação. Fala.

Carlos — Para que?

Madame Vargas — Fala, dize o que desejas o que se poderá fazer?

Carlos — Ora!

Madame Vargas — Dize sempre. Dize... Ficaremos com a situação clara.

Carlos — O amor é o sofrimento.

Madame Vargas — O amor é a dedicação. Mas não fales de amor!

Carlos — Falo, falo, sim. Queres saber? Sofres? Eu sofro muito mais. Já não vivo senão com a tua idéia, idéia de egoísmo, de ambição, de desejo, seja! Mas tu! Cada um ama como pode. Há três meses que me importava ires com outro... Casares? Há

dois meses mesmo! Hoje eu não posso, eu não quero, oh! Sim! Não quero, não! Ver-te com outro, só a lembrança me enche de sangue a cabeça e me atordoia.

Madame Vargas — Não divagues Carlos. Fala a verdade.

Carlos — Digo o que sinto.

Madame Vargas — Dize inteiramente.

Carlos — Não quero que cases.

Madame Vargas — Que devo fazer então? Casar contigo? Fugir contigo?

Carlos — Hortência!

Madame Vargas — Mas completa o teu pensamento, tem a coragem de completá-lo, dize o que ambos sentimos há muito tempo. Não é o meu casamento que te preocupa. Quantas vezes falas-te dele a rir como uma coisa fatal.

Carlos — Hortência!

Madame Vargas — Não te incomodava eu ser de outro, não te aborrecia isso, o sangue não te enchia a cabeça nessa ocasião. Eu que te ouvia, tu que falavas como éramos iguais! Tem, pois a coragem da verdade. Não te aborreceria que eu desposasse fulano ou sicrano, o deputado Guedes ou o banqueiro Praxedes. O que te incomoda, o que tu não queres é que seja o José.

Carlos — Pois si. Confesso. É verdade. Odeio-o, odeio-o. Não me revoltaria se casasse com outro. Mas com ele não! Com esse nunca! Com ele é que não quero.

Madame Vargas — Por quê?

Carlos — Não sei, não sei!

Madame Vargas — Porque é rico?

Carlos — Não sei.

Madame Vargas — Porque é moço?

Carlos — Não quero! Não quero!

Madame Vargas — Porque é digno?

Carlos — Como eu adivinhava! Antes de ser comerciante, és bem mulher. Sim, não quero que cases com ele, confesso-o, porque é rico, é moço, é digno, porque é estúpido, porque o amas. Sim. Gostas dele! É o único de quem tu gostas. Cada dia gostas mais. Cada dia mais. Vi, senti, tive a certeza. Eu fui a loucura que se recorda com horror. Ele é o teu amor.

Madame Vargas — Estás louco. Fala baixo.

Carlos — Não negues, não mintas também. Acabemos com isso. Há um mês que lutamos eu e tu — eu querendo saber, tu a fugir. Vieste. É um bem sabes o que eu penso. Mas eu sei o que tu sentes. Esse imbecil conquistou-te! Todos nós colaboramos para que ele ficasse em foco. E tu amaste-o ao vê-lo. E tu me abandonas por causa dele.

Madame Vargas — Não!

Carlos — Não ocultarias, se o não amasses. E fingiste, fingiste! Para que fingiste tanta razão, tu que é tão doida como qualquer de nós? Para que fostes buscar **Belfort**, para acabar as nossas relações?

Madame Vargas — Pela tua exasperação contínua. Com medo de ti.

Carlos — Medo por ele! Só por ele! Ele é o alfenim a que tu vais pertencer e não deve ser incomodado. A sociedade! Os teus credores! Mas continuarías comigo apesar da sociedade e dos credores, se não fosse ele. Tudo por ele, só por ele!

Madame Vargas — medo por ti, por mim.

Carlos — Eu é que grito agora: deixa de farsa! Mas escuta, vem cá. Há instantes lembrastes as minhas conversas sobre a possibilidade do teu casamento. Pois bem. Dize-me cá: se casares com ele, continuaríamos os dois os mesmos?

Madame Vargas — Mas é indecente o que fazes Não estás no teu juízo. Tudo o que dizes é desvario.

Carlos — Porque eu sei que não será, compreendes? Eu sei. Ele adquiriu-te completa com a estupidez e o dinheiro. Já viste um imbecil enganado pela mulher? Nem que case com uma meretriz!

Madame Vargas — É demais! É demais! Carlos vai-te. Tinha de acabar assim a nossa afeição pensarás depois na grande dor que me dás! Vai-te. Não posso mais! Não posso mais! Está tudo acabado!

Carlos — Como o amas! Como queres ver-te livre de mim para realizar com ele toda a tua ambição! Atiras-me á rua como um trapo, como uma bola de papel. Mas é que não sabes que eu não quero.

Madame Vargas — Não queres o que?

Carlos — Não quero que case contigo.

Madame Vargas — É uma baixeza que não farás.

Carlos — Nunca mulher nenhuma me abandonou. Vais ver.

Madame Vargas — Não farás. Não será possível!

Carlos — Nem tu, nem as conversas de Belfort, nem cem como tu.me poderiam deter.

Madame Vargas — Dir-lhe-ei tudo, contar-lhe-ei tudo, antes de ti. Ele me perdoará.

Carlos — Antes de lho dizeres, vou eu dizer-lho!

Madame Vargas — Carlos, não transformes o meu sentimento por ti em ódio.

Carlos (pegando no chapéu) — O teu sentimento por mim agora é medo. Mas não creias que me dominarás, que me vencerás. Ele não casará contigo.

Madame Vargas — Ele é um homem de bem. Não te ouvirá.

Carlos — Gritarei!

Madame Vargas — Correr-te-á!

Carlos — Não o fará, ouviste? Não o fará! Não se trata mais de mulheres doidas e de velhos tolos. Trata-se de homens, estás ouvindo?

Madame Vargas (precipitando-se) — Carlos! Carlos!

Carlos (no auge da fúria, agarrando-lhe os pulsos) — Fica sabendo. Fica sabendo bem. Havemos de contar-lhe tudo, ouviste? Havemos de ver-lhe a decepção de idiota. E ele não correrá ninguém, porque se der um passo — mato-o!

(Atira-a sobre as cadeiras, sai).

Madame Vargas (soluçando) — Carlos! Carlos! Carlos! O pano cerra-se bruscamente.

TERCEIRO ATO

O mesmo cenário do segundo ato, seis horas depois. E o salão de música à noite. Há um extraordinário luar que inunda os espaços e se alastra fora pelo terraço. Das janelas e da porta vê-se bem o luar. A varanda está toda cheia de luz da noite.

Estão no salão: **Madame Vargas, Belfort, Baby Gomensoro, Madame Azambuja, D. Maria, Julieta, Carlota Pais, Gastão, Deputado Guedes e José Ferreira.**

Quando levanta o pano todos em roda do piano dão palmas e aplaudem **Mme. Azambuja** que termina o segundo noturno de Chopin.

Baby — É realmente admirável.

Guedes — V. Exa. toca divinamente.

Carlota — É a alma de Chopin.

Belfort — Eu ficaria reconciliado com os pianos, se todos os amadores fossem como Mme. Azambuja.

Madame Vargas — Não sei esse noturno deu-me vontade de chorar.

D. Maria — É porque estás nervosa.

José — Ainda tem dor de cabeça?

Madame Vargas — Ainda, um pouco.

Baby — Deixe de cuidados demasiados. D. Hortência não podia deixar de estar nervosa.

Madame Vargas — Ora esta. Por quê?

Baby — Um noturno de Chopin com este luar!

Carlota (indo à janela) — Está realmente um luar deslumbrante.

Gastão — Muito bonito.

Madame Azambuja — Um luar para tragédias.

Baby — O dr. Ferreira, avistamos a sua casa de cá?

José — Não, mademoiselle.

Guedes — Está uma claridade de dia...

Madame Azambuja — Fica a gente romântica. Lembra Shakespeare.

José — Romeu e Julieta...

Julieta — Verona...

D. Maria — Urna escada de seda.

Carlota — E os versos do Bilac. (Madame Azambuja fica a tocar languidamente, enquanto em torno e perto da porta conversam Madame Vargas e Belfort no primeiro plano).

Belfort — Por que está tão abatida?

Madame Vargas — A cabeça estala-me, já não posso ter mão em mim. É o máximo da resistência.

Belfort — Mas porque abandonar a coragem no último momento?

Madame Vargas — Por que é o desastre.

Belfort — Que idéia triste. Vai partir e tudo será pelo melhor, ao contrário.

Madame Vargas — É que não pode imaginar o que se passou com Carlos. A sua presença exarcebou-o.

Belfort (vinco na testa) — Hein?

Madame Vargas — Ameaçou-me de tal forma, que a todo o instante o espera. Carlos é capaz de tudo!

Belfort — Minha cara Hortência, pode ter a certeza de que são raros os capazes de tudo. Os capazes de tudo são os excepcionais. O mundo é uma grande repartição pública. Nessas repartições há sempre um ministro para centenas de funcionários. No mundo há um ser d'exceções para milhares de outros que não passam de amanuenses da vida.

Madame Vargas — Amanuense o Carlos!

Belfort — Há amanuense e amanuense. Há os que trabalham, casam, pagam a lavadeira, tem filhos e cometem regularmente outras coisas insignificantes; e há os que indo à repartição pretendem cometer ações de maior importância e não fazem nada. O Carlos pertence aos que não fazem nada é amanuense da vida com a proteção do diretor e o medo dos credores.

Madame Vargas — Porque brincar ainda, barão, neste momento angustioso?

Belfort — Porque tenho confiança-no futuro.

Madame Vargas — Se escapássemos até amanhã a catástrofe estaria adiada.

Belfort — Só se dão as catástrofes pelas quais não esperamos.

Madame Vargas — Eu é que não posse mais. Se ele vem, se faz o escândalo público!...

Belfort — Esquece que estou aqui!

José (no grupo junto à janela) — Com essas disposições, o luar deixa-a incapaz de resistir?

Baby — Não sei teria uma grande vontade de ser conquistada. Deve ser bom, não acham?

Guedes — Aquele grande palacete é o do banqueiro Praxedes?

D. Maria — Conhece-o? É um sujeito terrível esse tal de Praxedes. Já me explicaram porque quando conversa fecha os olhos.

Julieta — Por que é?

D. Maria — É para ter tempo de fazer algumas somas entre as perguntas e as respostas.

Carlota (ao fundo) — Hortência venha ver os efeitos do luar. Parece ouro líquido.

Madame Vargas (caminhando) — Há noites doidas.

Baby — Doidas é o termo.

Belfort (baixo a José) — Parabéns.

José — De que?

Belfort — Sei que parte amanhã.

José — Psiu, quem lho disse?

Belfort — Hortência estava a pedir-me que tratasse da passagem dela.

Gastão (descendo) — É esquisito. Todos nós falamos do luar. Só o barão parece não o ver.

Belfort — Porque adoro as coisas simples e naturais.

D. Maria — Acha então o luar pouco natural?

Belfort — O luar é o artifício. Metemo-lhes tanta coisa, arrebicamo-lo tanto, que nada mais resta do verdadeiro luar. A lua das cidades é uma invenção literária. Acho muito mais natural a D. Carlota ou o Deputado Guedes.

Guedes — Mas já lhe tenho dito uma porção de vezes que não sou reconhecido...

Baby — Não é?

Guedes — Infelizmente!

Madame Azambuja — Mas o que vai ser então?

Belfort — Sim, se não for deputado, o que vai ser então?

Guedes — Ah! Isso... Hoje, com a certeza do meu degolamento, o partido que está no governo ofereceu-me a candidatura à presidência.

Baby — Bravo! Presidente!

Gastão — Mas são precisas muitas coisas para ser presidente?

Guedes — Sim. Capacidade, energia, tino...

Belfort — Tudo isso é de mais.

José — Como assim?

Belfort — Para ser presidente de estado no Brasil só é necessária uma qualidade: a de saber preparar o buffet.

Todos — Hein? Como?

Belfort — Porque sendo a campanha das candidaturas uma noite de contradanças, os vencedores só têm uma preocupação política administrativa: avançar na ceia...

Guedes (riso geral) — Vê-se que o barão gosta de brincar. Não respondo a pilhérias.

Belfort — É sempre assim que os presidentes começam.

Madame Vargas — E se saíssemos um pouco?

D. Maria — Com este sereno!

Madame Vargas — Vamos todos até à estrada?

José — Que idéia!

Belfort — Que nervos, diga antes vai piorar a sua dor de cabeça.

Madame Vargas — Ao contrário. Talvez me faça bem. Venha daí doutor. Todos — vamos! Não! Bela idéia!

Belfort — Eu não. Prefiro fumar um cigarro no terraço.

Madame Azambuja — Não. Estou cansadíssima.

Movimento de saída; saem todos: ficam apenas **Mme. Azambuja** e o deputado **Guedes**.

Guedes — Esta vida mundana é motivo de graves neurastenias.

Madame Azambuja — Depois as preocupações...

Guedes — Quais?

Madame Azambuja — Só sustentar este luxo e escolher os flertes.

Guedes — Má língua.

Madame Azambuja — Eu? Ao contrário. Falo a verdade. Só não vê quem não quer. Não lhe parece muito terno o Dr. Ferreira?

Guedes — Sempre pensei que fosse o outro, o Dr. Carlos.

Madame Azambuja — E depois diga que sou eu a má língua. Pois contam-no também, o Sr., no rol dos apaixonados.

Guedes — Sabe bem que só tenho uma paixão.

Madame Azambuja — A política?

Guedes — Nunca se ama o que nos sustenta.

D. Maria entra.

D. Maria — Que imprudência! Lá se foram!

Guedes — É um passeio extravagante.

D. Maria — O Dr. Guedes é que não iria, hein? A Tijuca mete-lhe medo.

Guedes — Perdão. Mete-me medo quando vou com senhoras de respeito. Só, ou com homens, acho até graça. Já uma vez vim cá à noite com um amigo do meu Estado e dei com uma ceia de estalo na mesa do imperador. A iluminação era a velas multicores.

D. Maria — Que escândalo.

Guedes — Só cocotes e rapazes, que diziam os maiores horrores!

Madame Azambuja — Atacaram-no?

Guedes — Felizmente não. Escapei, porque estava na roda o senador Policarpo.

D. Maria — A propósito, a senhora do senador Policarpo continua a enganar o marido?

Guedes — Absolutamente.

Madame Azambuja — É lá senhora para voltar atrás. Nunca!

Guedes — O Policarpo é que enviuvou.

D. Maria — Foi o seu primeiro ato da satisfação à sociedade.

Baby e Belfort aparecem à janela do lado da varanda.

Madame Azambuja — Já acabou o cigarro?

Belfort — A apostar que falavam mal da vida alheia?

Baby — Enquanto não falávamos de amor.

Madame Azambuja — Alguma declaração?

Belfort — Não. A Baby confessava que precisa amar. Eu disse-lhe que trabalhasse em alguma coisa útil. O amor é sempre uma resultante da falta do que fazer. Ela ri e não acredita. Chamou-me criança.

D. Maria — O topete desta menina!

Belfort — Deus fala pela boca da inocência.

Baby (que já está na sala) — Não me faça corar!

Belfort — Impossível! Hoje tanto do rouge abusou, que está permanentemente ruborizada.

Baby corre à janela. O barão retira se.

Madame Azambuja — A verdade é que o barão, é um inimigo do casamento.

Belfort (entrando) — Eu?

Guedes — Pelo menos não pensou nunca em casar.

Belfort — Apenas por influência de leituras. Em rapaz caiu-me na mão um livro antigo escrito em latim. Falava do casamento e dava o silogismo do matrimônio segundo Bias.

Baby — Que Bias?

Belfort — Um sujeito muito antigo, que morreu antes de nós nascermos. Bias diz: A mulher que escolhermos será bela ou feia. Se for bela, não será só tua; se for feia, casarás com uma fúria.

Madame Azambuja — Oh! Barão!

Belfort — É verdade que logo depois o autor citava Favorinus, que aconselha o meio termo entre as duas, e Quintus Ennius que chama o meio termo stata. Até hoje procuro a stata e não há meio de me resolver...

Madame Azambuja (indo ao piano corre uma escala) — Mas que extravagância a de sua sobrinha D. Maria. Tanto mais quanto estou arrependida de não ter ido também.

Belfort — Obrigado, por todos nós.

Madame Azambuja — Não. É que o luar me poe nervosa.

Belfort — O luar é o inventor de todas as loucuras, segundo alguns literatos Até o nosso Guedes, com um luar destes seria capaz de as realizar.

Guedes — Não. Tenho sempre juízo... Não sou mais homem para essas coisas.

Belfort — Por quê? Porque vai ser presidente de Estado?

Guedes — Porque a espinha mo proíbe.

Baby — Sofre da espinha?

Guedes — Aqui onde me vê, D. Baby, sou um candidato a ataxia.

Baby — Então respiremos.

D. Maria — É uma moléstia grave, Baby.

Baby — Mas basta que o Dr. Guedes seja candidato a ela para que a gente tenha a certeza de que não a apanha.

Guedes — Má! E o senhor barão a rir. Está a fazer da Baby uma discípula.

Belfort — Não. Rio com sentimentos conservadores — com medo de perder a alegria. É tão raro encontrar alguém alegre! Vejam os transeuntes na rua. Cada fisionomia tem um vinco de preocupação. As mulheres olham-se com mal disfarçado rancor. Os homens não conseguem esconder a mágoa oculta. Já ninguém mais ri francamente. O riso dói a princípio o prazer de devorar. Foi depois o prazer de viver. Hoje é o desespero de não poder arrasar a geração. A Baby rir por prazer, ao menos.

Baby — Obrigada pela conferência. Vou colecionar anedotas.

Mas pela varanda surgem a correr e a rir **Madame Vargas, José, Gastão, Carlota, Julieta**. Irrupção na sala.

Madame Azambuja — Ora viva a companhia!

Madame Vargas — Uma corrida louca, minha filha!

Carlota — Fomos perseguidos.

Guedes — Que dizia eu?

Julieta — Só o Gastão nos salvaria.

José — Imaginem. Dois automóveis cheios de cavalheiros e damas.

Madame Vargas — Queriam por força reconhecer-nos.

D. Maria — Como assim?

Madame Vargas — É que tínhamos tapado o rosto com as écharpes.

Julieta — O Amaral Fataça pegou-me o braço teimando que eu era a Liliane.

Cariota — Felizmente, Gastão conseguiu fazê-lo recuar.

Julieta — Traiu-nos.

Belfort — Mais uma vitória nos bíceps, Gastão?

Gastão — Qual bíceps. Inteligência.

Belfort — É surpreendente!

Baby — Que fez você?

Julieta — Disse o nosso nome é claro.

Gastão — Juro que não. Foi tudo quanto há de mais simples. Disse que as senhoras eram outras.

Carlota — Que outras?

Gastão — Outras senhoras com que eles flertam.

José — Foi um salve-se quem puder!

Carlota — E corremos até aqui.

Madame Vargas — Mas a cena aumentou-me ainda a dor de cabeça.

José — Não será coisa de gravidade?

Madame Vargas — Não. Quando tenho uma forte emoção a dor sempre vem.

José — Por que não toma uma pouca d'aspirina?

Madame Vargas — Não, obrigada.

Madame Azambuja — É uma dor tremenda essa. Eu nunca a tinha tido. Parece-lhes impossível? Pois é. Só há oito dias é que a senti pela primeira vez. Quase morri!

Belfort — Que me diz?

Madame Azambuja — Sério. Foi depois de um jantar em casa de Madame Braga, a esposa do homem de borracha.

Carlota — Aquela que dá agora recepções?

Gastão — Uma senhora tremendamente gorda?

Madame Azambuja — Essa mesma. Nunca vi tanta gente feia reunida.

Baby — A dor de cabeça talvez fosse disso.

Madame Azambuja — A Braga estava decotada, com um colar que o marido disse ter dado 200 contos.

Carlota — É uma soma muito razoável. Não acha D. Maria?

D. Maria — D'acordo. Três bien.

Madame Azambuja — Mas é que vocês não imaginam a Braga decotada!

Baby — Eu a vi ontem no Lírico.

Madame Azambuja — Não é verdade? Já viste decote igual?

Baby — Francamente em público, desde que perdi a minha ama de leite, foi a primeira vez...

Guedes — Mas o decote da senhora Braga é que lhe causou dor de cabeça?

Madame Azambuja — Não sei. Atribuo aos seringueiros, ao decote aquela gente toda e a uma salada, á moda do Pará, que serviram no fim. Era de matar.

Gastão — Não_ há nada pior do que uma salada quando faz mal.

Madame Azambuja — Até agora não sei do que era. O senhor barão, que sabe tudo, conhece por acaso a salada do Pará?

Belfort — Qual delas? Porque há muitas. Salada é o termo que se aplica admiravelmente a todas as coisas do Brasil. Há a salada política, de que por exemplo agora o Guedes é o azeite. Há a salada filosófica, em que ninguém se entende. Há a salada social, uma dessas saladas panachés que dariam indigestão a um avestruz. A qual delas se refere?

Julieta — Às que se comem, está visto.

Belfort — Dessas não sei. É verdade que o diplomata Schmidt pretendeu ensinar-me uma. Mas não conseguiu. Quando chegava a lição estava sempre com champagne de mais.

José — Era apanhá-lo quando a tivesse de menos.

Belfort — Impossível. Schmidt apostou que o champagne não lhe fez mal de modo que quanto mais bebe mais vontade tem de beber para mostrar que é forte. Tem com isso um lucro. Apesar de morar à beira mar desconhece a ressaca...

D. Maria — Mas, pelo amor de Deus, não falemos mal da vida alheia!

Belfort — Que havemos de fazer então para sermos elegantes.

Carlota — Irmo-nos embora, por exemplo. Hortência precisa descansar.

Madame Vargas — Oh! Não.

Carlota — Pois sim! Não deseja você outra coisa.

Gastão — Está evidentemente doente.

José — Não diga!

Madame Vargas — Descanse. Não tenho nada.

Guedes — Mas há de dar licença. (Cumprimenta).

Julieta — É isso mesmo estamos insuportáveis.

Carlota — Vivemos quase na casa de Hortência.

Madame Azambuja — Hoje só faltou o Dr. Carlos.

Baby — É verdade. O que andarás fazendo aquele conquistador?

Belfort — Dorme com certeza sobre os louros.

Madame Vargas — Até amanhã.

Guedes — Vai V.Exa. ao Lirico?

Madame Vargas — Talvez.

Madame Azambuja — É ópera nova.

Belfort — Então não presta.

Julieta — Por quê?

Belfort — Porque todas as óperas novas são sempre para os entendidos do Rio, borracheiras tremendas.

Baby — Se D. Hortência for, eu quero um lugar no camarote.

Madame Azambuja — Por causa do tenor?

Baby — Por causa do Bastão. O camarote do pai é pegado.

Madame Azambuja — Para começar, quer você vir no meu automóvel? Deixo-a em casa.

Baby — Merci. Aceito. Põem as capas. D. Maria ajuda-as. Cumprimentos, shake-hands.

Guedes — E uma imprudência vir à porta, senhora D. Hortência;

Carlota — Não venha, Hortência.

Madame Azambuja — Melhoras. Nunca vi você tão nervosa como esta noite.

Baby — É verdade. Eu também. O Dr. José leve-nos até lá em baixo.

José — Mas, vou também com as senhoras.

Carlota — Como, se mora para cima?

Madame Azambuja — Nada de flertes, Baby. É tarde. (No salão, sós, Belfort e Hortência).

Belfort — Que lhe disse eu? Não veio!

Madame Vargas — Mas onde estará que fará ele?

Belfort — Tranqüilamente em qualquer clube.

Madame Vargas — O barão não o conhece.

Belfort — Melhor do que a Hortência.

Madame Vargas — Ele faz alguma, ele disse que faria.

Belfort — Esta noite, pelo menos, parece ter adiado. Tenho a certeza. Foi a sua última cena. Ele sabe quem eu sou, e sabe que o tenho...

Madame Vargas — Barão salve-me! Mais algumas horas e eu teremos evitado esse desgraçado empecilho. Já começaram a falar nele, já o notam. Ouviu a Renata?

Belfort — Tenha confiança. Eu quero e quando eu quero, raramente os outros deixam de querer o que eu quero. Estou vigilante se o que lhe disse não bastar, agirei, e diante do que eu tenho, as veleidades desaparecerão.

José (voltando) — Então até amanhã.

Madame Vargas — Meu bom José... Vai, não é assim?

José — Que se há de fazer, se é vontade sua.

Madame Vargas — José vá. E saiba que nunca na minha vida estimei alguém como o estimo.

José — Está nervosa, Hortência. Continua nervosa. Não imagina como fico inquieto. Ainda há pouco quase comprometo o nosso segredo...

Belfort — Descanse, é a emoção da despedida. O único meio de ser feliz é não discutir os caprichos da dama dos nossos sonhos.

José — Eu estou também muito alegre, e muito triste!

Madame Vargas — Não! Não! Deves ficar alegre, e só alegre!

Belfort — Está bem, está bem, nada de nervos.

Belfort — Eu vou, Hortência. Até amanhã.

Madame Vargas — Adeus, meu querido José. (Dá-lhe a mão a beijar).

Belfort (interrompe) — Vai para sua casa?

José — Claro. Arranjar as malas.

Belfort — Consente que o acompanhe? A noite está linda. Preciso dar um passeio. Leve-o no meu automóvel e conversaremos.

José — Não se incomode por quem é... Estamos a duzentos metros se tanto...

Belfort — Não. Quero ver como se comporta. Já não o largo! Minha cara Hortência. Tenha fé! Está tudo acabado. Até amanhã. (A D. Maria que lhe dá o, sobretudo e o chapéu). Não, sem, sobretudo. Obrigado. (A José, saindo) Diga-me? Nunca teve medo de bandidos? Eu gosto imenso. O bandido é o covarde valente, sem a coragem de afirmar. Sempre tive vontade de encontrar um bandido face a face. Se fôssemos atacados?

José — Sempre o mesmo barão. Até amanhã, Hortência! Descanse. Não fique mais nervosa. Adeus.

Madame Vargas — Até amanhã. (saem José e Belfort). Ah! Dia! Dia horrível que não acaba! Mas algumas horas e salvo-me!

D. Maria — Queres partir?

Madame Vargas — Quero impedir que mais uma vez estraguem o meu futuro. Só! Quero ser feliz, compreendes? Quero mostrar publicamente que eu também amo, que posso ser uma esposa que se inveje. Quero a claridade do dia! Basta de escuro, basta de crime.

D. Maria — Não te excites assim, com as próprias palavras. Tens um pouco de culpa...

Madame Vargas — Tia, não me censures.

D. Maria — Eu teria dito a esse pequeno cínico as coisas como elas são desde o começo. Garanto que só ameaça vingar-se por despeito.

Madame Vargas — A quem o dizes! E a cada gesto seu mais sobe José no meu conceito, mais vejo quanto desci, mais sinto a minha ignomínia, mais amo o outro. Sim. Não é mais interesse, não é mais, não Com esse que me ofereceu tudo e não pediu nada, com esse eu iria. Porque o amo! Porque o amo! E ter aquela criatura imaginando estragar a minha vida, perder-me no conceito de José, só porque me assaltou num momento de lassidão e de amargor! Oh! Não sabe ele como me defenderei! Faltam apenas algumas horas. Depois já não poderá dizer nada, já não poderá fazer nada, estará sem os dentes de veneno e peçonha...

D. Maria (indo apagar o lustre central) — Vem deitar-te. É melhor.

Madame Vargas — Não. Um instante. Quero repousar os nervos.

D. Maria (hesitante) — Não fazes hoje nenhuma tolice?

Madame Vargas — Oh! Tia!

D. Maria — Ainda ontem, minha filha!

Madame Vargas — Ontem... Vai já tão longe. Hoje preferiria morrer.

D. Maria — Ainda bem. Tudo menos aquilo.

Madame Vargas — Oh! Tia, não insistas. Até já; vai-te deitar.

D. Maria — Até já, meu tesouro. Hás de ver. Não acontecerá nada de mau. Ele não cometerá as infâmias que disse. Repousa. Está para chegar a felicidade. Não te apoquentes mais. (sai).

Madame Vargas, um instante só.

Madame Vargas — Como custa chegar a felicidade!

Tem um largo suspiro, fica um instante diante do espelho abatida. A porta do terraço descerra-se. Entra por ela num golfão de luar **Carlos**. **Madame Vargas** vê a sua entrada pelo espelho. Volta-se aterrada.

Carlos — Boa noite.

Madame Vargas — Tu? Tu aqui?

Carlos — Do que te admiras? Não é a primeira vez.

Madame Vargas — Voltaste? Voltaste depois do que se deu ontem conosco.

Carlos — Como vês. Não incomodo? Andei por fora à espera que os outros. saíssem.

Madame Vargas — Tens coragem de voltar, de entrar aqui, sem o meu consentimento, alta hora?

Carlos — Deixei-te tão doida hoje à tarde! Precisávamos conversar, não te parece?

Madame Vargas — Mas não temos mais que dizer. Mais nada. Será o que tu quiseses. Tudo quanto quiseses.

Carlos — Finge calma! Estás convencida de garantias. O barão encheu-te de confiança. Vê-se!

Madame Vargas — Não. Fizeste-me sofrer muito e perdeste com isso o que me restava de afeição por ti. Podes fazer o que quiseses desinteresse me.

Carlos — Ainda bem. Foi o que eu fiz, descansa.

Madame Vargas — Que fizeste?

Carlos — Preparei uma pequena vingança.

Madame Vargas — Vindo aqui mais uma vez, torturar-me e desgostar-me ainda mais de ti?

Carlos — Seria isso uma vingança?

Madame Vargas — Mas que vingança? Vingança por quê?

Carlos — Porque me deu na cabeça.

Madame Vargas — Sabes que começo a perder a calma!

Carlos — Vais perdê-la de todo dentro de alguns momentos.

Madame Vargas — Tu é que te vais embora imediatamente.

Carlos — Tem tempo depois de liquidarmos o nosso caso.

Madame Vargas — Mas afinal que queres tu? Não creio que me vás exigir uma noite, depois do que me disseste hoje. Que queres tu? Discutir o que estamos fartos de saber? Ameaçar-me? Dize, fala. Que queres tu afinal?

Carlos — Não sei se recordas há três meses uma noite de luar assim?

Madame Vargas — Desgraçada Noite!

Carlos — Há três meses era outro o teu pensar...

Madame Vargas — Não pensava de forma alguma. Rolava para um abismo.

Carlos (sempre calmo, sentando-se) — Pois há três meses eu beijava doido de alegria um bilhete teu...

Madame Vargas — Não tragas a história do bilhete sempre a mesma, sempre a mesma.

Carlos — Foi o único que me escrevestes. Beije-o muito. Tenho-o de cor.

Madame Vargas — Devias restituir-mo.

Carlos — Acabo de o fazer.

Madame Vargas — Como?

Carlos — Recordas de certo as breves palavras sem nome algum, misteriosamente atiradas à sombra "espero-o hoje à noite. Deus perdoe a minha loucura. Venha a 1 hora".

Madame Vargas — Loucura! Desastrada loucura!

Carlos — Mas porque, se o bilhete sem o meu nome não era para mim?

Madame Vargas — Hein?

Carlos — Era um bilhete que transitava pelas minhas mãos. Só hoje compreendi, e ao sair daqui, meti-o num subscrito e mandei-o a quem de direito pertence agora. É um bilhete talismã. Serve de passe.

Madame Vargas — Não compreendo.

Carlos — É simples, caramba! Mandei o teu bilhete ao dr. José ferreira.

Madame Vargas — Tu fizeste isso?

Carlos — Com certeza lho entregaram agora, quando voltou para casa.

Madame Vargas — Tu fizeste isso?

Carlos — Honestamente, sem uma palavra minha. Sou um homem que se preza. E depois a cena é muito mais interessante como a imagino. A estas horas, o Dr. Ferreira deve estar doido de alegria, a olhar o relógio.

Madame Vargas — Mas para que fizeste isso? Por que não me deste o bilhete a mim? O José virá, eu direi qualquer coisa... É tão simples mentir! Não terás feito mais uma pequena infâmia para me aborrecer.

Carlos — Decididamente perdes a inteligência com a perspectiva do casamento. Mandei-lhe o teu bilhete e vim esperá-lo contigo.

Madame Vargas — Tu?

Carlos — Ah! Minha dona pensavas então que eu era qualquer trapo, a por de lado no melhor momento? Estavas crente que era possível enganar-me, arredar-me com cantigas e as ameaças do Belfort, esse velho ridículo que não sei bem o que e aqui? Pensavas mesmo que realizarias o negócio sem me prevenir, pondo-me no andar da rua? Não! Ah! Não! Eu sou alguém, sabes, eu sou alguém. Não sou homem que

ponham a andar, não sou desses. Cá estou. Vamos esperá-lo juntos. Ou não tem vergonha, ou com ele não arranja mais nada. Depois será o que for!

Madame Vargas — Miserável! Como és miserável!

Carlos — Isso. Chama-me nomes. Vamos ver depois. Com aquele ar de demoiselle de Sion o Dr. José vai receber um golpe em pleno.

Madame Vargas — Indigno! Covarde! Perder assim uma mulher, perder pelo prazer da infâmia, sem outro fim senão o de fazer mal! Por que, meu deus? Por quê? Mas pensas, mas se acreditas que eu não resista.

Carlos — Vamos a ver como.

Madame Vargas — Sai, sai, já daqui.

Carlos — Muito bonito como teatro.

Madame Vargas — Covarde!

Carlos — Fala baixo, pode acordar alguém.

Madame Vargas — Ao contrário, gritarei. Vou chamar gente, chamo todos. Mando-te por fora, pelos criados.

Carlos — estou certo de que o não farás. é o escândalo já. Ficarão todos sabendo das nossas relações — porque eu também gritarei, contarei. Talvez cheguemos a ter a polícia. Hortênci venha cá.

Madame Vargas — Larga-me!

Carlos — Seja! Mas vejo que já não queres gritar. Sempre prudente. O melhor é mesmo esperarmos o homem. É meia-noite. Temos diante de nós uma hora, se ele não chegar antes.

Madame Vargas — Não. Tudo o que quiserdes. Carlos, tudo, menos essa atroz miséria! Chamá-lo aqui, mostrar-me tal qual sou!

Carlos — Isso é para os íntimos, ou antes, para aqueles a quem já não queres...

Madame Vargas — Não é possível! Não é possível! Não farás isso!

Carlos — Vais ver.

Madame Vargas — Depende ainda dele. E ele não vem, afirmo-te eu; não vem porque compreende os perigos desta gente com que vivemos, porque desconfiará de uma traição

Carlos — Talvez. Como é homem, porém, terá pelo menos a curiosidade de vir ver. É escusados olhares as portas. (Dando volta à chave da porta da comunicação interna). Não sairás senão para o escândalo. E eu não desejo que ninguém nos perturbe. Dentro de 50 minutos: ele, tu e eu. A apostar como vem?

Madame Vargas — Que venha! Que venha! Devia vir, sim, deve vir, tem de vir! Há infâmias que a fatalidade ajuda. Vem mesmo, esta a chegar. E eu sei que vem, porque antes já lhe escrevera chamando-o. Pobre José! Receberá duas cartas minhas. Sim. Escrevi estou a ouvir-te apenas como lição só para sentir bem a tua baixeza, para ver quanto descis. Mas o José está a chegar. Contei-lhe tudo, tudo. Ele sabe tudo. E vai-te expulsar, vai-te correr como um criado ordinário.

Carlos — Havemos de ver.

Madame Vargas — Verás bem pago o teu cinismo. Um homem que tortura assim uma mulher é um covarde. Mas não és tu que o esperas, sou eu que te retenho para que ele te encontre. Que venha! Que venha! (Ruído fora, recua apavorada). Ah!

Carlos (dando um salto) — Silêncio! (Vai até a janela, espia o terraço. Hortênci acompanha-o quase de rasto. Momento). Uf! Nada. Talvez o Braz, passando em baixo... (Olha Hortênci). Muito menos desejo de que eu, hein? Dê-me o consolo ao menos de confessar que só escreveu a mim! Deixe-se de fingimentos, não delires. Sim. De fato. Há coisas pessoas na vida. Esta espera enerva. Tenha calma. Ainda temos 40 minutos.

Madame Vargas (implorando) — Mas que vais fazer? Que vais fazer?

Carlos — Que vou fazer? O trepasso, minha filha!

Madame Vargas — Carlos!

Carlos — Aqui tem a minha amante: faça-a sua mulher. Hei de gozar-lhe a decepção!

Madame Vargas — Mas se não te fez mal algum?

Carlos — Por isso mesmo odeio-o. Odeio-o pelos seus ares superiores, pelo seu dinheiro, por essa honestidade palerma que ele exhibe como um cartaz, pelas suas idéias, por tudo! Odeio-o visceralmente — odeio-o porquê tu o amas! Honesto, rico, querendo casar! Pateta! Como se fosse difícil ser honesto e casar, quando se tem dinheiro! Tivesse-o eu! Tivesse-o eu! E verias em vez deste "Capaz de tudo para viver" o teu honestíssimo esposo. Porque tu havias de amar-me. Oh! As mulheres! Havias de amar-me e enganar-me depois com outro. Aqui, porém, dá-se o inverso. Enganas-me para casar com ele! Veremos a gargalhada final quem a dá!

Madame Vargas — É a mim que tu perdes, só a mim... Desmoronas para sempre a minha vida...

Carlos — Que importa, se me abandonastes antes, se por todos os lados me dizem que eu não passo de um malandrim disfarçado? Que importa se devo ceder o lugar aos honestos, que são ricos? Eu te ajudaria a enganá-lo se mo tivesse dito. Não mo dissestes senão quando era impossível ocultar mais tempo. É porque só amas a ele. Eu vingo-me.

Madame Vargas — Ele é forte. Ele tem coragem.

Carlos — Não se trata de coragem. Trata-se de fatos. (Neste instante, batem à porta de dentro. Salto. Angústia. Carlos agarra o braço de Hortência). Baixinho! Baixinho! Se deixar entrar alguém aqui, o escândalo é amanhã de toda a cidade estás perdida! (Batem de novo). Anda pergunta quem é? Com calma.

Madame Vargas — (Imenso esforço, vencida, olhando-o com ódio) — Quem está? É a tia?

D. Maria (dentro) — Sim, minha filha. É quase uma hora. Não te vens deitar?

Carlos (baixo) — Tranqüiliza-a, anda.

Madame Vargas — Já vou. Não me aborreças. Deita-te. (Num ímpeto). Feche a... (Carlos tapa-lhe a boca).

Carlos — Cala-te. (Ela debate-se. Rolam ambos no divã. Silêncio angustioso). Tens que esperar. Quero que esperes. Ao menos hoje obedeces. Eu quero.

Madame Vargas — Odeio-te!

Carlos — E eu vingo-me! (O relógio bate meia hora dentro). Temos apenas trinta minutos. Pouco tempo.

Madame Vargas (Esfrega os olhos já secos de não poder chorar, alisa os cabelos, como se convencendo) — Ele vem! Ele vem! (Desespero). Não fiques, oh! Já te vingastes de mais. Sim. Confesso. Devia ter dito tudo, devia ter falado. Mas já resgatei o meu crime. Sei que é brincadeira tua, que nada disso é verdade, que não passa de uma tortura, uma grande tortura... Pelo amor de Deus, pelo nosso amor...

Carlos — Pelo nosso amor, egoísta! Pelo nosso amor, traidora! Pelo nosso amor, vendida!

Madame Vargas — Vai-te! Vai-te! Não fiques! Não me tortures! Eu não quero que ele saiba! Não que não! Nunca! Nunca! Se tens ciúmes, mata-me! Mata-me! Anda, mata-me! Mas não lhe digas nada.

Carlos — Dentro de alguns minutos.

Madame Vargas — Canalha! Canalha! Canalha!

Carlos — Vem gente.

Madame Vargas — Cana... (Estaca, porém. Carlos precipita-se para a janela. Espia).

Carlos — É um vulto. Caminha entre as árvores. Veio cedo. É ele.

Madame Vargas (Cai na poltrona sentada, batendo o queixo no auge o pavor) — É ele! É ele! É ele!

Carlos — (tirando o revólver do bolso da calça e colocando-o no bolso do casaco) — Seja a Bela Mme. Vargas, sempre até o fim. Tenha ânimo!

Madame Vargas — Crápula! Eu direi tudo.

Carlos (abre todo um lado da porta) — Esperemos bem. (precipita-se na cadeira em que está sentada Mme. Vargas. Torcendo-lhe a mão). Sinto-lhe os passos rápidos na escada tenha o ar de quem me presta atenção. Ande.

Madame Vargas (debatendo-se) — Larga-me! Larga-me! (faz um último esforço para soltar-se).

Belfort (entra, lívido, rápido, voz forte) — Afinal encontro-te! (Carlos ergue-se atônito. Mme. Vargas pende na cadeira. Belfort a Hortência). Mil perdões por entrar na sua casa tão tarde. Mas vi luz e tive a certeza de que Carlos estava cá. Chegou de certo depois dos outros, disse eu. E subi. (A Carlos). Vim buscá-lo.

Carlos (entra arrogante e atônito) — A mim?

Madame Vargas — Preciso de você já!

Carlos — Esquisito.

Belfort — Extremamente. Tanto que você vai sair já.

Carlos — É o senhor quem manda?

Belfort — Nada de rodeios. É tarde. Sai já!

Carlos — Manda também cá?

Belfort — Mando onde devo mandar. É inútil a bravata comigo, menino. Poupe-me um pouco a sua petulância cartas na mesa. A senhora Hortência Vargas vai casar com o Dr. José Ferreira. Eu quero. Você é demais. Disse-lhe que se afastasse. Não quis. Repito-o. Compreendeu? Perdeu a partida.

Carlos — Talvez. Esperemos por esse Ferreira. Mais alguns minutos e ele chega. Veremos.

Madame Vargas — Barão salve-me! Salve-me!

Belfort — Eu é que vou esperar sem você. Saia.

Carlos — Não acredite que me aterroriza.

Belfort — Cale-se! Conheço-o bem. Ou você sai imediatamente, sem encontrar o Dr. José Ferreira ou está amanhã na prisão. Disse-lhe que pensasse. Quer brincar comigo. Engana-se. Tenho-o no bolso, e se fizer contra Hortência mais um gesto está em mau lugar.

Madame Vargas (horrorizada) — Belfort!

Belfort — Nada como os grandes remédios.

Carlos — Caluniador.

Belfort — Por quê? Tenho a sua carta pedindo-me perdão, tenho a letra em que tão mal fingiu a minha e a firma de seu pai, e o denuncio com todas as provas como falsificador da minha firma.. Disse-lho já se sabe que o faço. Faço-o à primeira tentativa sua. A sua cena é bonita enquanto serve para contar nos clubes. É moda e dá amantes até, mas muda quando tem por fim um cubículo da detenção, mesmo arejado. Saia!

Carlos — É indecente o que faz.

Belfort — Não insista. O ar de fora far-lhe-á bem. E note: mesmo o respeito que tenho por seu pai, não impedirá que o declare publicamente e o faço prender se disser uma palavra a respeito deste caso. Mando-o prender irrevogavelmente.

Carlos — Há amizades suspeitas.

Belfort — E gente como você que não deixa dúvidas. Mas saia. A situação é ridícula. Cheguei ao momento em que ia cometer a sua maior torpeza dessas torpezas que estragam vidas, mas não levam à cadeia. Deixo-lhe o último insulto. Desabafe e fuja da cadeia que pela sua demora ameaça começar aqui. Mais um segundo e está preso.

Carlos — É capaz?

Belfort — Experimente!

Carlos (pega no chapéu, excitação, fúria) — Velho pulha!

(Sai)

Madame Vargas (correndo ao barão) — Ele vai encontrá-lo. Ele dirá tudo! Estou perdida!

Belfort — Em homens como Carlos tenho a máxima confiança. Só há contra esses apaches da nossa sociedade uma coisa respeitável: a cadeia. Ele sabe que eu o liquido. Já não pensa mais em vingança. Vai daqui para um clube a passar o resto da noite com champagne pago pelos outros.

Madame Vargas — Mas mandou ao José o único bilhete que ele tinha escrito. José vem aí.

Belfort — Esperaremos juntos o José. O pobre rapaz ficará enternecido com a lembrança. Aí está um bilhete que o mau serviço dos correios levou três meses a entregar ao seu verdadeiro destinatário.

Madame Vargas — Meu amigo! Foi Deus que o mandou para salvar a minha vida!

Belfort — Deus, neste caso, foi apenas ter olhado, ao voltar da casa de José, o seu terraço e ver alguém que a ele subia. Era o Carlos, esperei-o. Como não saísse, subi. Talvez fosse mesmo Deus, porque o devo ao luar, parece dia... Apesar da literatura (Caminha para a janela).

Madame Vargas (num ímpeto beija-lhe a mão) — Meu amigo! Meu amigo! E perdoou, perdoou mesmo a minha falta, a minha loucura?

Belfort — Mas que é isto, Hortência? Ria, esteja alegre. Todos nós precisamos de perdão. E o mundo seria a maior sensaboria se as mulheres passassem por ele pensando em tudo quanto fazem...

E o pano cerra-se, enquanto a pobre e bela **Mme. Vargas** ri e chora, desfeita de emoções nos braços do seu velho amigo.

FIM